

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

O TRABALHO E A CONSTRUÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE

Por:

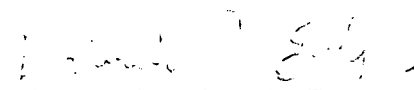
Ana Maria do Nascimento Aquini

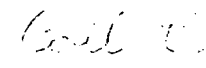
Florianópolis (SC), agosto de 1993

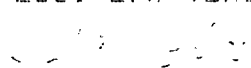
O TRABALHO E A CONSTRUÇÃO DA MULHER
NA SOCIEDADE

Dissertação submetida ao Colegiado
do Curso de Mestrado em Educação do
Centro de Ciências da Educação em
cumprimento parcial para a obtenção
do título de Mestre em Educação.

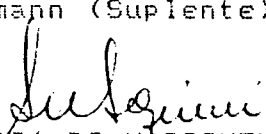
APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 23/09/93


Prof. Dr. Norberto Jacob Etges (Orientador)


Prof^ª. Dr^ª. Edel Ern (Examinadora)


Prof^ª. M.Sc. Sônia Maria Martins de Melo (Examinadora)

Prof. Dr. Lauro Carlos Wittmann (Suplente)


ANA MARIA DO NASCIMENTO AQUINI

Florianópolis, Santa Catarina
Setembro/1993

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

O TRABALHO E A CONSTRUÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE

Dissertação submetida ao Colegiado do Curso de Mestrado em Educação do Centro de Ciências da Educação em cumprimento parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do professor Dr. Norberto Jacob Etges.

Florianópolis (SC), agosto de 1993

Dedicatória

Dedico esse estudo às mulheres e homens que sonham com um novo mundo e constróem-no em sua prática diária; se não é possível uma grande revolução que se faça a revolução possível.

AGRADECIMENTOS

- Ao professor Norberto, mais que um orientador com paciência histórica, um amigo com mão firme;
- ao Antônio Augusto, pelo permanente estímulo e compreensão;
- ao Eduardo, à Adriana e à Sílvia, por compreenderem a importância do ato de estudar;
- a todos os professores do curso e, em especial, aos companheiros de turma, os quais muito contribuíram na definição e construção desse objeto;
- À Lausimar, à Urda e Roseméri, bem como as editoras Lunardelli e Paralelo 27, por terem proporcionado valioso material de pesquisa para este estudo.

RESUMO

Durante séculos a mulher muito trabalhou, mas limitada ao espaço privado da casa, tendo e criando filhos. Ela era uma mulher-natureza. Quando, estimulada pela base econômica, vai para a fábrica, mesmo em condições adversas, ela aparece desenvolvendo uma atividade produtiva no espaço público. É o primeiro passo.

Agora a mulher está construindo sua individualidade. Primeiramente ela se põe no mundo através de reivindicações trabalhistas específicas e posteriormente através das mais diversas estruturas da organização social.

O objeto desse estudo é apreender e analisar essa caminhada através da transcendência, conceito que expressa a absoluta necessidade dos homens saírem de si, colocarem-se e construir-se no mundo e, ao mesmo tempo, construir o próprio mundo.

ABSTRACT

During many centuries the woman worked hard but was limited in the house private space, having children and nursing them. She was a nature woman. When, stimulated by the economical base, she goes to the factory and, in spite of adverse conditions, she appears developing a productive activity in the public space. It is the first step.

Now she is constructing her individuality. Firstly she puts herself in the world through the labourite reivindications and after through the most diverse structures in the social organization.

The subject of this study is to apprehend and to analyse this walking through the transcendency. This concept expresses the men's absolute necessity to set out of their own, to go out, to put and to construct themselves in the world and, at the same time, to construct their own world.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 DA TRANSCENDÊNCIA DO SER	11
1.1 A transcendência enquanto conceito	11
1.2 A transcendência enquanto trabalho	16
2 A POSIÇÃO OBJETIVA DA MULHER NO COTIDIANO DA MULHER CATARI- NENSE	31
2.1 Considerações iniciais	31
2.2 A mulher-natureza	33
2.2.1 Síntese do enredo	33
2.2.2 Elementos de análise	35
2.2.2.1 A visão da guerra	35
2.2.2.2 Organização comunitária e sobrevivên- cia: a representação do masculino e do feminino	36
2.3 A objetivação limitada	40
2.3.1 Síntese dos principais personagens femininos	40
2.3.1.1 A bisavó Ethel	41

	8
2.3.1.2 A avó Sacramento	43
2.3.1.3 <i>Frau</i> Weber	44
2.3.1.4 Hilda e Menininha	45
2.3.1.5 Dona Maria Clara e Lula	49
2.3.2 Elementos de análise	50
2.3.2.1 Casa: espaço feminino	50
2.3.2.2 Atividade feminina: labor, mas não só	51
2.3.2.3 Análise comparativa	52
2.4 Construindo a presença da mulher na vida pública .	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
BIBLIOGRAFIA	77

INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido e teorizado sobre a relação homem/mulher/sociedade. Dentre as várias teorias existentes uma das mais aceitas afirma que a questão da mulher é uma questão de gênero ou de classe. Ora afirmar que o gênero em si explica a problemática da mulher é reduzir a discussão, pois, na verdade o gênero é um dos elementos que se interpõem nessa realidade mas não é o determinante. Entender que é uma luta de classes significa não romper com o capital já que tal conceito só existe dentro das próprias relações capitalistas. Tais respostas não satisfazem. Há algo subjacente a isso tudo, há algo anterior ao gênero e à classe.

Esse estudo se propõe a entender o desenvolvimento humano, mais especificamente o da mulher, sob a luz do conceito de transcendência. Ou seja, o Homem¹, para se pôr pleno, necessita sair do estado de imanência, da indeterminação primeira e transcender-se, construir-se, abrindo-se para os

1. O termo "Homem" grafado como letra maiúscula se referirá à Espécie, homem e mulher.

e para o mundo. E, ao se pôr no mundo, se individualiza e se explicita nas relações materiais, nas estruturas sociais, na construção de vida das pessoas.

Durante muito séculos a mulher se mantém na interioridade da casa, procriando e cuidando da prole. Com isso garante a manutenção da espécie mas não se exterioriza, não se diz no espaço público. Ela rompe com essa barreira quando vai para o mundo do trabalho, para a fábrica, já no limiar do século XX. Se por um lado passa a vender sua força de trabalho, por outro, começa a contribuir financeiramente com o grupo familiar e ~~acessa~~ acessa a um mundo no qual até então só o homem tinha lugar. Paradoxalmente é nesse espaço quadriculado, marcado pelo ritmo incessante das máquinas que desabrocha a sua exteriorização, a sua maneira especial de ser-mulher. Está dada a lógica da sua individualização via trabalho. No início, essa individualidade se expressa nas questões específicas do trabalho, posteriormente amplia-se e surge nos mais diversos setores do corpo social.

Tendo como sustentação os conceitos acima expostos busca-se apreender como vem se construindo a trajetória da mulher catarinense, desde uma forma primitiva, passando por uma etapa mais evoluída mas bastante limitada e chegando-se a uma expressão de modernidade.

1 DA TRANSCENDÊNCIA DO SER

1.1 A transcendência enquanto conceito

Para não morrer o ser tem a necessidade imperiosa de se inserir no mundo. Morrer é fechar-se, imanentizar-se. Viver é abrir-se, transcender-se. Ao transcender-se, o indivíduo vai se determinando através de uma série de ações, que se explicitam no aperfeiçoamento de estruturas já existentes ou na criação de novas estruturas nos campos político-econômico-social, numa busca permanente de realização, de ser pleno. Busca essa, vinculada ao conceito hegeliano de exteriorização (Entausserung), o qual é "*uma autêntica determinação de si mesmo*" (Jarczyk, 1984, p.118), ou seja, consiste na ação de um indivíduo pôr-se no mundo enquanto ser particular e universal, singular e plural, igual e diferente, simultaneamente, buscando nos outros a realização de si e através de si a realização dos outros.

Transcender-se ou exteriorizar-se significa também, e ao mesmo tempo, nadificar-se e libertar-se. Nadificação e liberdade são conceitos que não podem ser apreendidos isoladamen-

te, nesse caso porém, faz-se necessária a separação para melhor compreendê-los.

A nadificação importa numa destruição ou ação negativa pela qual o ser liquida sua forma inicial e assume os entes circundantes, transformando-se com eles. Forma essa compreendida como a fase do desenvolvimento do indivíduo, na qual há transcendência mas não se põe; há interioridade, mas não se exterioriza; há abertura mas há uma indeterminação total, isto é, o ser não está posto, não está determinado.

Ontogeneticamente pode-se afirmar que este momento se manifesta naquilo que na psicologia se caracteriza como fase da oralidade, da infantilidade, onde a criança suga tudo, engole tudo, toca em tudo, absorvendo tudo o que está ao seu redor numa total identificação com a natureza. O seu mundo é o tato e estômago. Homens e mulheres dessa fase desenvolvem atividades voltadas à sobrevivência do grupo, à manutenção da Espécie, e ocorrem dentro da divisão natural do trabalho - não havendo uma ação elaborada do processo de trabalho. Assim, é uma fase sem técnica, sem desenvolvimento científico, sem história humana.

Para haver história humana, para assumir os entes circundantes e transformar-se com eles, o Homem tem que se diferenciar, se determinar, se assumir finito, sair de si. Quanto mais completamente posto para fora de si, mais ele é gente. Gente que se constrói e é construída, se objetivando nas estruturas elaboradas ao longo do processo de auto-construção, tomando novas formas, rompendo com a indeterminação primeira totalizadora.

Para sair da forma inicial, do medo de se expor, o Homem tem que enfrentar o vazio imediato do mundo e, a partir desse enfrentamento, transformar-se e transformar o mundo, tendo a compreensão dialética de que

"o sujeito não pré-existe, mas se constrói e esta construção implica um processo de desenvolvimento tanto do sujeito quanto do objeto ou do mundo, resultando numa terceira realidade. (...) a sobressunção de duas partes se totalizam numa nova realidade" (Etges, s.d., p.7).

é o devir, passagem de um ser a outro através do nada, isto é, assumindo sua total e absoluta finitude, o ser rompe com a indeterminação inicial, digamos, seu estado de repouso imediato, vazio; mata aquele ego inicial, fragmenta o mundo e se põe livre, alçando

vão para o infinito. E nesse espaço das mais amplas possibilidades, ressurgem um outro ser que é novo, diferente daquele que existia anteriormente mas, ao mesmo tempo, é síntese de todas as etapas já superadas. E a cada nova fase nem sujeito, nem objeto, nem mundo voltam a ser os mesmos. E assim surge a história, o desenvolvimento, a riqueza da civilização humana que passa de uma geração à outra e se põe cada vez mais completamente. É a "terceira realidade" posta, é transcendência posta pela modificação. E Bornheim (1977, p.260) assim explicita esse conceito:

"O ato de transcender é um nadificar, o homem está como que debruçado sobre o real a partir do nada; e desse estar debruçado geram-se todas as experiências humanas...".

Dessa forma o seu momento negativo se torna também o ato de se constituir livre.

É assim, que através da negação ou da negação, chega-se ao conceito de liberdade. Partindo-se pois, do princípio de que o Homem constrói a si mesmo, afirma-se que ele não é determinado em termos absolutos; antes, a abertura ou transcendência de si, a possibilidade de se efetivar é a própria liberdade. Liberdade que é um sair de si, um auto-determinar-se, um jogar-se no mundo e arriscar-se, enfrentando muitos embates, mas sendo liberdade que se explicita no ato de transcender-se pois, *"o fundamento da liberdade também se encontra na transcendência negadora do ente. A existência humana, precisamente porque é transcendência, é liberdade em seu próprio ser"* (Bornheim, 1977, p.262).

A transcendência do Homem na verdade se constitui na expressão máxima da finitude. Por ela é que o Homem é capaz de história e é história. Vejamos isto por outro lado: se fosse absolutamente determinado, o Homem não se poderia fazer, construir e conseqüentemente, não poderia fazer e ser história. Não ser determinado mas determinar-se significa por sua vez, ser livre. A liberdade aqui não é vista como uma faculdade ou um órgão que o Homem teria, mas vista a partir de seu fundamento que é a finitude e abertura para além de si. Não se parte de uma pré-concepção ou de algum axioma qualquer; simplesmente se parte da radical necessidade de exteriorizar-se enquanto finitude, que o Homem é, pela qual abre imensas possibilidades de se estruturar e construir.

O Homem, enquanto finito, se põe liberto para se transcender na sua própria história. Aqui já não existe mais o indivíduo que frui tudo, engole tudo; a indeterminação primeira,

total, desaparece. Agora ele se delimita, se determina, assume finitude, toma outra forma, fica histórico. Surge a individualização na perspectiva da universalização. é transcendência posta.

A ruptura, que ocorre entre uma fase e outra, encontra sustentação também em Hegel, quando analisa o começo da história da filosofia. O autor estabelece elementos absolutamente contrastantes entre o Oriente e Ocidente que, trazidos para esse estudo, sustentam a linha de análise até aqui desenvolvida, considerando-se a perspectiva histórico-filosófica. Hegel (1983, p.169) diz:

"...no caráter oriental não é tido como importante o conhecer-se por si mesmo. Ali o sujeito não existe para si e não tem nenhum valor para si em sua consciência de si. Indubitavelmente o sujeito oriental pode ser grande, nobre, sublime. Porém a determinação fundamental é que o indivíduo carece de direitos, e que aquilo a que ele chegou é uma determinação, já da Natureza, já do livre arbítrio".

é o que se estabeleceu anteriormente como a fase inicial do indivíduo, ele vive natureza, confunde-se com a natureza, ele é natureza. O livre arbítrio, por sua vez,

"é a liberdade formal; o livre arbítrio converte os impulsos, os fins particulares, etc, em seu conteúdo e objeto. (...) no Oriente somente uma pessoa é livre, o déspota" (Hegel, 1983, p.169).

Já no Ocidente o ato de pensar o mundo e pensar-se é colocado numa efetiva determinação reflexa; o indivíduo é esse pensar.

"Somente no ocidente surge a liberdade. Aqui, o pensar volta a si mesmo, converte-se no pensar do universal, e o universal por conseguinte, no particular. (...) a vontade, enquanto vontade livre, consiste em que seu

conteúdo seja algo universal. Neste universal tenho eu a minha essência, o meu ser essencial. Porque eu sou a identidade (a conformidade), comigo mesmo. E assim sucede também que os outros são iguais para mim porque os outros já são universais da mesma maneira que eu. Eu existo enquanto sou livre, enquanto reconheço a liberdade dos outros e sou reconhecido pelos outros como livre. A liberdade somente é real e efetiva entre vários, como liberdade existente..." (Hegel, 1983, p.173-176).

Verifica-se aqui o ato do indivíduo reconhecer-se livre para si e para os outros; de ser, ao mesmo tempo, particular e universal. O indivíduo é finitude libertadora alçando vôo para a infinitude das possibilidades de efetivamente ser.

No mundo oriental o indivíduo inexistente enquanto realização, exteriorização de si, ele é puramente realização interior, natural². A sua ação é a expressão da vontade do senhor. Já no mundo ocidental o ser tem que buscar o seu próprio caminho, derrubando senhores, enfrentando desafios e inseguranças; saindo do útero que tudo provê, tem que prover a si próprio e aos outros, enfim, fazer-se ser.

1.2 A transcendência enquanto trabalho

A transcendência se manifesta ou expressa pelas atividades do Homem, de modo eminente pelo trabalho, o qual é por excelência a mediação dessa exteriorização; é a interioridade se pondo na exterioridade. Interioridade compreendida como o indeterminado, o vazio, digamos, aquele núcleo indiferenciado que se transforma em riqueza individual e coletiva ao aceitar e abraçar o mundo, ampliando-se, enriquecendo-se e modificando-se assim a relação entre o Homem e a natureza, formando-se uma

2. Vimos isso tão claramente na identificação fanática das massas iraquianas com seu "deus", Saddam Hussein.

cadeia de ligação entre o que cria e o que é criado. Homem e objeto se produzem mutuamente não se discutindo aqui as eventuais condições históricas nas quais ambos venham a se produzir. O fato é que o trabalho é potencialmente fonte de realização, vida e liberdade.

Como já afirmado, exteriorizar-se, ato exclusivo do ser humano, é assumir as determinações do mundo e da ordem social. À medida em que tal processo se desenvolve, ele próprio vai se determinando através de uma série de ações, as quais se enriquecem e criam formas progressivamente mais complexas, socialmente mais elaboradas do Homem se dizer e se fazer. Ações que se explicitam em estruturas e, dentre muitas outras que não serão aqui analisadas, as de produção material e intelectual, que são expressão de transcendência do ser via trabalho, necessariamente devem estar ligadas à auto-realização, à vida. Para se construir tal vínculo faz-se fundamental a apreensão do mesmo pelas pessoas que atuam nesse meio a fim de que, racionalmente, nele interfiram.

No entanto quase todos os movimentos sociais do século XIX para cá atuam somente na base material e/ou intelectual sem trabalhar ao nível da auto-realização. Exemplo disso é a atuação dos movimentos sindicais que, em sua maioria, visam soluções imediatistas sem uma proposta mais ampla de mudança da postura do indivíduo diante de si e do mundo. Com isso a produção material se torna árida, seca, voltada para as questões puramente materiais, imediatas, sem vislumbrar o Homem como um todo.

Inclui-se também nessa análise a produção intelectual. Geralmente o surgimento de uma nova teoria provoca muita polêmica e resistência nos meios intelectuais e, quando não aceita, aí sim, não sobra "pedra sobre pedra", sendo arrasada pelos opositores. Com essa postura a ciência se torna rija, monolítica, desconsiderando muitas vezes por longo tempo, o que poderia ser um avanço para o desenvolvimento da humanidade.

Já os movimentos feministas são os únicos que tendem a unir um movimento ao outro, ou seja, procuram fazer um "ponte" entre a produção material e intelectual com a auto-realização individual, com a vida. A mulher procura voltar a si e enxergar-se como ser humano; a base material é importante sim, mas não é só isso. O ser é rico quando respeita a pessoa, quando pinta a vida com tintas próprias, quando cresce interior e exteriormente buscando o equilíbrio entre o eu e o nós, entre a razão e a emoção, entre o ser individual e coletivo. Essa visão de mundo está tematizada, discutida, elaborada, em todas as linhas de pensamento do movimento feminista. E, considerando-se o conjunto dos movimentos sociais, nenhum deles chegou a tal nível; esse mérito do movimento feminista é inquestionável. Embora sem aprofundar, os elementos da palavra, da comunicação, são essenciais para expressar essa construção, principalmente na linha de pensamento hegeliano.

Para Hegel (apud Jarczyk, 1984, p.117)

"Linguagem e trabalho são exteriorizações nas quais o indivíduo já não se mantém e se possui nele mesmo, mas deixa que a interioridade saia totalmente de si e faça dela uma doação ao Outro¹³."

3. Citação traduzida por Horberto Jacob Etges.

Um é o agir e o refletir do outro, trabalho e comunicação são indivisíveis e a revelação do ser humano.

O trabalho também se desenvolve, assumindo múltiplas formas. Hannah Arendt tenta uma conceituação mais ampla com a definição de "labor", "trabalho" e "ação", três conceitos que englobam o que a autora chama de "Vita Activa". São considerados "atividades fundamentais porque a cada uma delas corresponde uma das condições básicas mediante as quais a vida foi dada ao homem na terra" (Arendt, 1983, p.15).

O "labor" se refere a atividades humanas imediatas voltadas à sobrevivência, ao ciclo vital do ser humano, "...corresponde ao processo biológico do corpo humano..."; é o ser-natureza envolvido com a manutenção da Espécie. Nesta fase não há uma história do ser humano uma vez que está voltado somente para atividades imediatas, puramente concretas. A corporeidade em geral, os sentidos como um todo, o sexo, são instrumentos de manutenção do grupo e se expressam no ciclo vital do nascimento, desenvolvimento e morte dos indivíduos. Arendt estabelece que: "a condição humana do labor é a própria vida".

Já o "trabalho" se desenvolve em um patamar muito superior,

"é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana (...). Dentro de suas fronteiras habita cada vida individual, embora esse mundo se destine a sobreviver e a transcender as vidas individuais. A condição humana do trabalho é a mundanidade" (Arendt, 1983, p.15).

Ou seja, agora o que se coloca não é só a sobrevivência da espécie; surge um novo momento que é diferente das chamadas "atividades naturais" passando às "atividades artificiais".

Em terceiro nível Arendt distingue o que denominou "ação". Segundo a autora:

"A ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não o Homem, viveu na Terra e habitavam o mundo. (...) de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir. (...) A ação, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança, ou seja, para a história" (Arendt, 1983, p.15-17).

Hannah Arendt sem dúvida avança, enriquece a compreensão do processo de desenvolvimento do ser, principalmente o enfoque que é dado à pluralidade, porém não diz tudo. Labor, trabalho e ação são três categorias importantes mas sua análise é muito seccionada não abarcando toda a riqueza do que já está presente em Hegel, Piaget e Marx, embora esse último tenha como elemento básico a análise das relações econômicas. A autora diz que o trabalho é algo mais, porém não o explicita mais claramente.

Diante do até aqui colocado questiona-se: Como se põe então, na plenitude, o ser humano? Não é na concretude das relações, na criação de estruturas? Onde se coloca a educação? A produção do conhecimento? A produção artística? Ação "sem a mediação das coisas ou da matéria" não é idealismo? É possível um "corpo político" sem nenhuma mediação material e estrutural? Mesmo quando se trabalha no campo da abstração não se está embasado no real?

O trabalho dentro de uma linha teórica defendida nesse estudo é a expressão do indivíduo. Considera-se inclusive que todas as atividades humanas podem ser incluídas na categoria trabalho. Para Hegel a simples percepção já é trabalho; é através do trabalho que o ser-natureza rompe com as relações puramente imediatas, construindo mundos ou estruturas de ações e assim se constituindo como individualidade posta, através de instrumentos próprios como a mão e a cabeça.

A mão, que ao acompanhar o processo evolutivo da espécie já não é mais "pata", tem os dedos formados e, principalmente com a alteração do polegar permite o desenvolvimento do tato, a mobilidade, a habilidade para pegar e moldar objetos, se transforma em instrumento de trabalho por excelência. Mão e cabeça, enquanto fontes infinitas de criação e execução se unem para criar um mundo novo: novas relações sociais se descortinam diante do ser que se põe e se enriquece.

Considerando-se que a construção de uma identidade verdadeiramente humana se dá no real, na vida material e não nas idéias, faz-se necessário analisar como vem se pondo a humanidade a fim de se apreender a construção da individualidade. Esse processo é longo e se dá mediante inúmeras mediações naturais e sociais. Sigamos por ora, o movimento que se deu e dá na vida social, observando-se as seguintes etapas: o clã, a sociedade mercantil, a cooperação, a grande-indústria e a pós grande-indústria.

Na fase do clã, segundo a antropologia filosófica hegeliana que explicita a exteriorização do ser humano, o social é pouco desenvolvido. Homem e mulher estão absorvidos e circuns-

critos ao "social" imediato do clã, da tribo, da família patrimonial. Os indivíduos inexistem, sendo mera expressão do clã que aparece tomando diversas formas de existência efetiva, incorporando o grupo em si, buscando o imediato: a manutenção e sobrevivência da espécie.

As atividades desenvolvidas pelo grupo se colocam dentro da divisão natural do trabalho tais como os cuidados com a prole e a busca de alimentos. São atividades rudimentares como o plantio de lavoura de subsistência, a caça, a pesca, a colheita de frutos, a tecelagem, o artesanato em bambú, vime, etc.

Nessa etapa o ser do clã tem transcendência, tem interioridade mas tais elementos não estão postos, pois ele não se individualiza, não se exterioriza, não se determina, não sai de si. O Homem é o que o clã é. A sua identidade é o clã. O desenvolvimento da base produtiva levará porém, a uma nova fase.

Na sociedade mercantil, o social já se põe pela troca, destacando os indivíduos proprietários privados, de pequena produção. O ato da troca em si estabelece quem tem, o que tem e quanto vale uma mercadoria em relação a outra. A necessidade de fazer a mercadoria circular proporciona o estabelecimento e a racionalização do que produzir, pelo que trocar e com quem trocar.

O que no início era uma simples troca de mercadorias evolui, pela impulsão da base econômica, para relações mais complexas, estabelecendo-se, já neste período, uma forma geral equivalente para as mercadorias em circulação.

"À medida que a troca de mercadorias rompe os laços locais, e que se cristaliza cada vez mais trabalho humano em geral no valor das mercadorias que, por natureza, se prestam à função social de equivalente universal, os metais preciosos" (Marx, 1988, p.99).

O ouro e a prata são considerados o dinheiro da época por serem considerados como "equivalente universal".

Comparando-se a fase anterior, do clã, com a mercantil verifica-se um salto nas relações econômicas e sociais dos homens; o indivíduo, que no clã está sobressumido ao próprio clã, na sociedade mercantil já começa a surgir, embora de maneira imprecisa. Ao se pôr na troca, o Homem se exterioriza e, ao mesmo tempo, se individualiza. A partir desse momento está posta a lógica da individualização do ser. Na troca a cooperação também está presente, embora não plenamente desenvolvida, por ser ainda um processo de pessoas isoladas. Manifestar-se-á na sua plenitude na etapa posterior onde aparece o social efetivamente.

A cooperação efetiva, fase seguinte dessa caminhada, se realiza por inteiro via processo de trabalho manufatureiro com o desenvolvimento da produção capitalista. O capital, diante da necessidade de tornar mais eficiente seu avanço e organização, visando atingir seus próprios fins, precisa racionalizar sua ação. Racionalização que engloba dois aspectos: o controle do processo de trabalho e, como consequência desse, o controle da ação de cada trabalhador, uma vez que ele é a alavanca da produção e do lucro. Aqui ocorre uma nova produção social.

Ao analisar a manufatura Marx aponta de um lado a criação direta de uma nova força produtiva social:

"...decompondo o ofício manual, especializando as ferramentas, formando os trabalhos parciais, agrupando-os e combinando-os num mecanismo único, a divisão manufatureira do trabalho cria a subdivisão qualitativa e a proporcionalidade quantitativa dos processos sociais de produção; cria assim determinada organização do trabalho social e, com isso, desenvolve ao mesmo tempo nova força produtiva social do trabalho" (Marx, 1988, p.417).

De outro lado esta nova força só atua ressaltando a individualidade, digamos, a responsabilidade de cada um em seu lugar.

"O trabalhador coletivo passa a possuir então todas as qualidades produtivas no mesmo grau elevado de virtuosidade e as despende ao mesmo tempo da maneira mais econômica, individualizando todos os seus órgãos em trabalhadores especiais ou em grupos de trabalho aplicados exclusivamente em suas funções específicas" (Marx, 1988, p.400).

Ele não pode mais ser um trabalhador difuso, o "faz-tudo" indiferenciado, típico da "universalidade" vazia de formas de produção arcaicas. Paradoxalmente, sua função específica, exclusiva, única, embora limitadíssima ao nível individual, promove sua unicidade no conjunto. A sua ação é reduzida, mas perfeita, torna-se parte integrante do todo e nesse sentido se individualiza enquanto ser, se capacita, "torna-se perfeição quando ele é parte integrante do trabalhador coletivo".

Ao se pôr enquanto trabalhador coletivo ele se coloca como parte integrante de um processo de co-responsabilidade não só de produção material como de produção de homens, de construção do social. "Ao cooperar com outros de acordo com um plano, desfaz-se o trabalhador dos limites de sua individualidade e desenvolve a capacidade da espécie" (Marx, 1988, p.378).

Nessa etapa o Homem já não se apresenta na forma "massa" como ocorria no clã e na sociedade mercantil. Essa diferen-

ça se explicita de forma clara na relação imediata do trabalho, na formalização do contrato de trabalho. Mesmo com a presença da mais-valia, processo de produção de valor excedente, ou seja, lucro, tanto capitalista quanto trabalhador estabelecem regras em contrato, o qual passa a ser um instrumento legal, e ao mesmo tempo social, de produção de bens e homens. O servo feudal, a ninhada do senhor da gleba já não existe mais.

A cooperação manufatureira, ao realizar-se no processo de produção, põe o indivíduo, principalmente o homem - dada a brutalidade da manufatura - como expressão sua. Nessa etapa o processo de individualização da mulher fica bastante limitado, uma vez que o instrumento básico de trabalho, a ferramenta manual, exige, na maioria das vezes, enorme dispêndio de força física. Porém a lógica imanente de desenvolvimento das forças produtivas impulsionará tal ocorrência na etapa seguinte.

No período da grande-indústria o modelo de produção capitalista, a relação capital/trabalho, passa por uma profunda mudança. Tal modelo, visando o lucro, tende de um lado, dispensar a força física do trabalhador, substituindo a mão pela máquina-ferramenta e, de outro, ampliar a mão-de-obra, empregando maior número de trabalhadores. Os do sexo masculino em sua maioria - já na manufatura - estavam no mercado de trabalho. O capital encontra disponível então, quem já é considerado "inferior" no mundo do trabalho: mulheres e crianças. Com o surgimento desse novo contingente muitos homens são dispensados das suas atividades, se transformando em exército de reserva, uma vez que a força de trabalho infanto-juvenil e feminina, é muito mais barata que a masculina. A causa da revolução indus-

trial não é o motor mas a substituição da mão. É a partir desse momento que a mulher se coloca como parte integrante de um mundo até então a ela vedado: o mundo da fábrica. E por essa porta entram também outros mundos.

Ao responder ao chamamento do mercado, a mulher passa a vender sua força de trabalho, a fim de ampliar a renda familiar mas, concomitante e paradoxalmente, como já acontecera com os homens, se materializam também as condições para a sua individualização, para se pôr no mundo. É na fábrica, em condições limitadas, em funções estanques, quadriculadas que, contraditoriamente, tal situação põe elementos de positividade. A mulher sai da forma "massa", indiferenciada, rompendo com o "limbo do lar", quebrando a barreira do isolamento familiar, solapando o pátrio-poder, buscando para si um caminho próprio enquanto individualidade posta.

A mulher, que por milênios esteve dentro de uma divisão natural do trabalho, agora se coloca dentro da divisão social do trabalho, assumindo particularidades e uma singularidade muito fortes. Ela se faz, não por uma luta contra o capital mas, mesmo dentro dele estabelece questões que até então não pudera elaborar por não ter vez e nem voz. Agora a mulher se assume em um trabalho igual ao do homem, se coloca enquanto gênero, lutando por direitos iguais, questionando a relação homem/mulher, se distinguindo do mundo-natureza, saindo de uma realização puramente intencional, se fazendo pelo ato. Esse processo torna imperativa a necessidade de uma nova construção social, elaborada a partir dessa nova realidade. Aqui desapare-

ce uma mulher-natureza e surge outra, mediada pelas relações de trabalho.

Deixa de existir a mulher do clã e da produção patrimonial. Ao entrar no mundo social individualizante, começa germinar um outro ser com novas relações em todos os níveis, se objetivando no trabalho, no contrato - que pelo Estado regulador já é coletivo - galgando um patamar superior no processo de sua individualização. Ao sair de casa e ir para a fábrica, quer consciente ou inconscientemente, ela está se colocando de maneira diferente, passando a desvendar na prática esse mundo novo. Prática que se explicita na criação de estruturas que exprimam essa nova realidade que fala agora também do feminino.

A partir do final do século XVIII e início do século XIX se estabelecem organizações mais efetivas, principalmente aquelas voltadas para as questões trabalhistas. Dentre essas ressaltam-se a luta pela redução da jornada de trabalho; a exigência de salário igual para funções iguais, independente de sexo; proteção à natalidade; regulamentação do trabalho do menor e da mulher. Tais bandeiras inicialmente apresentam questões trabalhistas específicas, mas em seguida se ampliam e passam a questionar as relações de gênero, a propor novas relações de estruturas e de auto-realização através de movimentos que pululam por todo o mundo em busca de liberdade, da plenitude do ser. Os avanços tecnológicos e científicos influem decisivamente no aceleração desse processo. É o que se verificará na próxima etapa.

Na pós grande-indústria, a ciência exerce papel preponderante no processo de individualização e libertação dos indi-

víduos. É o raio laser, a fibra ótica, a automação, cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, proporcionando condições materiais de homens e mulheres se libertarem. Ampliam-se assim, as condições de conforto e abertura para o mundo tanto no aspecto pessoal quanto no campo do trabalho.

No primeiro aspecto, o pessoal, veja-se as condições concretas, que se colocam em bens materiais como a máquina de lavar roupa, a secadora, a lavadora de louça, o microondas, o disco laser, a TV a cabo, o computador, os quais passam a fazer parte do cotidiano. No segundo aspecto, o do campo do trabalho em si, é a automação substituindo a mão do trabalhador, ou seja, a máquina passa a executar atividades que até então necessitavam da mão humana. Em ambos os casos, é a automação substituindo, em grande parte com menos possibilidade de erro, a mão do trabalhador. É um grande passo na medida em que liberta o Homem do tempo de trabalho, o qual pode dele usufruir em seu próprio benefício enquanto Ser.

Esse período traz, para a mulher mais especificamente, um avanço vital para a sua objetivação no mundo. Com a descoberta do anticoncepcional e a sua ampla divulgação e aplicação no mundo moderno, a mulher passa a ter maior controle sobre seu próprio corpo. A natalidade é agora, na prática, uma opção, senão para toda a sociedade pelo menos para os setores mais avançados da mesma. E para que tal conquista se amplie e atinja as camadas econômica e culturalmente mais atrasadas, o Estado tem a responsabilidade maior de agir em conjunto com a sociedade civil organizada. Há que se superar certos padrões culturais, morais, religiosos e políticos, para que a mulher possa

escolher seu caminho de forma plena, total. Com isso não se quer, absolutamente, negar a maternidade, mas que seja um ato consciente e livre de seres, que escolhem fontes de realização tanto a nível intelectual e social quanto a nível individual e afetivo.

A partir daí a mulher passa a ser mais dona de si mesma, de seu próprio corpo e com isso alcança liberdade física. Nesse período cresceram no primeiro mundo movimentos feministas radicalizados, que enfatizavam a liberdade do corpo, incluindo-se os excessos cometidos nos anos 60 e 70, que se enquadram no enfoque de liberdade sexual. Tais movimentos, hoje revistos, traziam subjacentes a busca de uma identidade própria. Busca essa, que a ciência teve e tem muito a contribuir.

Assim, a cada nova invenção da ciência, o ser humano tem novas possibilidades de ação. Quanto mais a ciência avança, mais avança a humanidade. E na medida em que se democratizam as descobertas estas passam a ser usufruídas, em princípio, por todos. Sem o avanço científico, a humanidade estaria ainda fragmentada, isolada, perdendo toda a magnitude do que se coloca modernamente tanto no campo coletivo quanto no individual, independente das condições históricas. Haja vista o desenvolvimento alcançado em áreas como das telecomunicações, da informática e da medicina. É avanço, sem dúvida, embora não se caracterize como ruptura.

Tal situação proporciona condição material de maior liberdade para a mulher e o homem enquanto indivíduos, mesmo sob a égide do capital, condição formal velha, a qual, paradoxalmente, traz consigo condição material para um salto qualita-

tivo tanto nas relações econômicas quanto sociais. Nesse contexto, a transcendência tem possibilidades cada vez maiores de se pôr universal, do Homem se fazer omnilateral e, quem sabe, em certo momento romper de forma radical e efetiva com um modelo cuja base de sustentação é o lucro e não o ser humano. Com a ruptura poder-se-á pensar uma sociedade que só será nova ao pôr no Homem o início, o meio e o fim de um pleno desenvolvimento científico-tecnológico equilibrado com a natureza. E para o novo não há receita pronta, não há dogma. O caminhar faz-se na própria caminhada.

É nessa perspectiva que se pensa homens e mulheres, juntos, fortes, irmanados, solidários, buscando um novo mundo, livres de qualquer tipo de dominação, no qual o ser humano seja a razão e fundamento do seu existir, tendo a riqueza do ser como idéia suprema de valor. Ser esse que se constrói a partir das e nas condições objetivas postas, visando a plenitude da Espécie.

2 A POSIÇÃO OBJETIVA DA MULHER NO COTIDIANO DA MULHER CATARINENSE

2.1 Considerações iniciais

Na segunda etapa desse estudo se fez necessário um recorte no tempo visando a delimitação do objeto proposto. Decidiu-se pela busca da mulher que se põe pelo trabalho no contexto catarinense por se considerar importante a contribuição e compreensão da realidade na qual se está inserido.

Partindo da constatação de que a história de Santa Catarina está profundamente marcada pela presença de imigrantes se optou por investigar mulheres que contribuíram e contribuem para a construção da vida social do nosso Estado.

Na perspectiva do ontem buscou-se, via literatura, a história da mulher açoriana e alemã do início da colonização, embora as autoras não necessariamente tenham tido a intenção de enfocá-la na perspectiva do trabalho e da construção da individualidade em si.

Compreendendo-se a literatura como uma das "mensagens elaboradas com o código do sistema da língua" (Verón, s.d., p.159) e sendo a expressão da construção teórica apresentada no capítulo um, decidiu-se pelo estudo de obras de Urda Alice Klueger e Lausimar Laus. De Urda, "*As Brumas Dançam sobre o Espelho do Rio*"; de Lausimar, "*O Guarda-Roupa Alemão*".

Em "*Brumas*" se fez uma breve síntese do enredo, passando-se a seguir para a análise dos personagens e contexto social; já em "*O Guarda-Roupa*" (Kleid), pela especial estruturação do texto, se pinçou da obra os principais personagens femininos que atendiam a essa proposta de estudo.

Já o hoje se buscou na mulher posta e exposta pela jornalista Roseméri Laurindo em "*Luci Choinaski: A Primeira Camponesa no Congresso Nacional*", que conta a história dessa agricultora singular que se faz numa trajetória de vida muito própria. Nessa etapa do estudo faz-se apresentação e análise concomitantemente.

Trabalhar tal obra não deixa de ser um desafio que exige dupla seriedade e isenção uma vez que se sai do campo da ficção para o campo da realidade nua e crua, trabalhando-se não só com fatos, como envolvendo pessoas presentes no nosso cotidiano.

2.2 A mulher-natureza

2.2.1 Síntese do enredo

Elisa e Severo são personagens centrais de "Brumas". Não seria possível analisar Elisa em separado, já que suas vidas caminham praticamente juntas e Severo é presença forte de quem Elisa recebe grande influência, se não é a sua sombra.

Elisa, garota de dezesseis anos, filha de pescador, morando a beira-mar em Itajaí, enquanto espera seu noivo, João Jesus, que é embarcado, retornar do navio para casar, se ocupa com seu enxoval e as lides caseiras. Elisa não tem maiores expectativas com o casamento, casar com João é algo natural, são amigos desde crianças e o casamento está acertado pelos pais de ambos a partir dessa época.

O enxoval é belíssimo, Mestre Bele faz questão de comprar finas peças importadas para a filha, pensa também em fazer uma grande festa. Tudo de primeira qualidade pois é um homem de posses. *"Além de mestre na pesca, tinha ele seu engenho de farinha e açúcar, seus bois e vacas, cabras, galinhas, alambique, muita mandioca, milho e cana frutificando na terra"* (Klueger, 1987, p.13).

Certo dia, ao andar pelo morro em busca de uma cabra prenhe, Elisa observa o mar na esperança de enxergar o navio que trará seu noivo. O que ela vislumbra, surpresa, é um ainda distante e pequeno barco vindo em direção à praia com alguém dentro. Quem aporta é um desconhecido, após enfrentar um dia e uma noite de vento sul. Está exausto e faminto. Pede ajuda.

Elisa o leva até sua casa. Mestre Bele, descendente de holandeses e Dona Lorena, vinda de Açores, o recebem, oferecem comida e descanso. Seu nome é Severo e passa alguns dias com eles.

Severo decide ficar por ali. Constrói uma casa de pau-a-pique na beira do mar. Pesca todos os dias, seca os peixes ao sol e os vende. Aos poucos Elisa vai se aproximando e se apaixonando por aquele homem feito que constrói cama, manda fazer colchão, faz sabão, compra e alveja roupas brancas de cama, adquire vinhos portugueses e copos de cristal. Severo resiste por algum tempo aos encantos de Elisa. Ela engravida e resolvem fugir com receio da reação de Mestre Bele. Vão rio acima, navegam por várias noites até que, após a vila de Blumenau, num remanso do Rio Itajaí-Açu, finalmente encontram o que buscam: os acampados fugidos do serviço militar obrigatório em função da guerra. Lá encontram conhecidos, se instalam e passam a viver.

Quando a guerra acaba, em 1869, a comunidade, pelo seu isolamento, não fica sabendo. Somente dois anos mais tarde, em 1871, com a chegada dos alemães demarcando terras, é que os acampados tomam conhecimento desse fato. Vibram. Ficam felizes. Elisa e Severo retornam ao mar em 1872, após ela ganhar o sexto filho. Passam na vila de Itajaí; os pais dela já morreram. Vão até a Ilha de Desterro, onde o vive o pai de Severo, e lá se instalam definitivamente.

Os remanescentes da comunidade de Rio Morto que lá permaneceram, acabaram sendo absorvidos pelos italianos que ocuparam toda a região. "*No choque cultural, a influência italiana foi mais forte*" (Klueger, 1987, p.140). O remanso do rio foi abandonado.

2.2.2 Elementos de análise

2.2.2.1 A visão da guerra

Colonos e praianos, em meados do século XIX, fogem da guerra do Paraguai, formando a comunidade de Rio Morto; ao assim agir reforçam a tradição açoriana de serem pacatos, viver em paz e lutar sim, mas pela vida e não pela morte. Preferem enfrentar riscos e intempéries, buscar novos locais para si e seus familiares a ir para o exército e morrer na guerra. Fato semelhante se repete na Revolução Farroupilha quando colonos açorianos de Rio Pardo e Triunfo fogem do Rio Grande do Sul e se instalam na localidade de Rio Vermelho, em Florianópolis.

A visão da guerra é colocada, quando à noite os homens se reúnem ao redor de uma fogueira e conversam sobre o que estará acontecendo lá fora. É ambiente e local de homens.

"Pois é, a guerra. Era uma grande guerra, senão, para que precisaria o Imperador de gente pacata como eles para lutar? Não tinha o Brasil um exército? Eles não eram homens nascidos para a guerra, sua luta era outra, era contra o vento, contra o mar, contra o mau tempo, contra os grandes peixes. Sua luta era a luta da vida, não queriam saber da luta da morte. Haviam se exilado para fugir à ela, deixado o amado mar lá longe, estavam passando privações, mas não iriam para uma guerra que os faria matar outros homens, deixar as famílias sem amparo, empunhar armas que não eram redes nem arpões. Sua vida era a vida do mar, a vida dura e cheia de paz que o mar dá, seu campo de batalha era outro. Arriscar a vida, para eles, era coisa rotineira, mas não arriscariam a vida numa guerra que não sabiam nem para que existia" (Klueger, 1987, p.77).

Segundo Norberto Cândido Silveira Júnior, apresentador dessa obra,

"As Brumas Dançam Sobre o Espelho do Rio tem um legítimo sabor de um romance histórico porque o leitmotiv (a fuga dos colonos e praiheiros para o Rio Morto, lugarejo às margens do Rio Itajaí-Açu, ainda hoje existente nas proximidades de Rodeio), é um episódio absolutamente verdadeiro que a autora foi exumar de velhos e empoeirados arquivos".

E continua sua avaliação afirmando:

"Num país sem comunicações, numa província isolada da Côte por quilômetros de solidão, os rumores de uma guerra eminente, da qual o Brasil participaria como o principal beligerante, eram inquietantes para pobres colonos e pescadores que desejavam apenas viver em paz. Abandonados pelo poder público da época não tinham a menor motivação para participarem de uma guerra fratricida".

é assim que à falta de informações adequadas, o isolamento, e diante da perspectiva de ir à guerra eles fogem e constituem o grupo de acampados de Rio Morto.

2.2.2.2 Organização comunitária e sobrevivência: a representação do masculino e feminino.

Adentrando na vida da comunidade de Rio Morto observa-se que aquele grupamento retorna ao mundo do clã, saem de uma comunidade que está razoavelmente organizada, e vão viver no meio do mato. Ali as pessoas são o que é o grupo, vivem em função do grupo e as atividades de todos se voltam para os essenciais; a sobrevivência. É o que Hannah Arendt conceitua como labor, a mais elementar das três atividades humanas por ela estabelecidas em "A Condição Humana"; elementar porque ligada à própria vida.

"O labor é atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimento espontâneo, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo da vida. A condição humana do labor é a própria vida" (Arendt, 1983, p.15).

Produzir alimentos para a manutenção do grupo é a preocupação e atividade essencial dos acampados.

"Contando as crianças, eram quase duzentas pessoas a viverem ali. Prover a necessidade de toda essa gente era um grande desafio para qualquer grupo de homens, por mais batalhadores que fossem. (...) Cada família possuía sua cabana que os protegia da chuva e dos bichos (...) As roupas resistiam. (...) O grande problema de todos era a alimentação" (Klueger, 1987, p.84).

é nessa perspectiva - de garantir a sobrevivência do grupo que aparece a categoria trabalho. Observa-se um ênfase muito grande ao trabalho masculino, enquanto o feminino se restringe a breves passagens.

O espaço do trabalho, enquanto subsistência grupal, é dominado pelos homens. Aliás "era um grande desafio para qualquer grupo de homens", por isso são eles que caçam, pescam, plantam, colhem, constroem. Severo é especialmente habilidoso, lida com ripas e folhas de palmiteiros, cipó, embira, barro amassado. É ele quem faz a cabana para morar com Elisa, faz um fogão com barro e pedras tiradas do fundo do rio. Talvez pelo fato de Elisa ser muito mais jovem que ele e estar grávida, é bastante poupada. Severo quer Elisa comendo, descansando e dormindo bem. Preocupa-se com sua saúde e com seu bem-estar. Geralmente é ele quem faz café, cozinha ovos, cria galinhas, traz caça e pesca; deixa-a na cama e cedo vai laborar nas atividades individuais ou coletivas da comunidade.

"Nas outras atividades também eram constantes em Rio Morto. Volta e meia fazia-se uma canoa nova; a embira estava sempre sendo tirada para fazer redes e cordas; uma pequena olaria fora construída para fabricar panelas de barro e outros utensílios, enfim, a aldeia organizava-se (...). Aos poucos, os homens foram trazendo madeira da floresta e amontoando no lugar; a igreja não deveria demorar. (...) Havia o feijão, o milho, o aipim, o projeto de um engenho de farinha para quando houvesse mais fartura, um pouco de cana-de-açúcar crescendo para um dia produzir açúcar e aguardente, os pés de café como promessa, enfim, as coisas pareciam caminhar para um bom termo e todos já sentiam a tranquilidade de uma segurança relativa" (Klueger, 1987, p.110-118).

Enfim a situação já não é mais tão assustadora. Pelo menos têm comida. E essa é uma atividade e responsabilidade de homens.

As atividades femininas, ao contrário das masculinas, ficam circunscritas ao espaço privado, ou seja, resumem-se às questões de casa: cozinhar, varrer, lavar, costurar e à manutenção da espécie: parir quase todo ano e cuidar da prole. As mulheres lavam as roupas da família toda no rio e

"tagarelam durante o serviço, coisas corriqueiras, o acontecido no dia anterior ou coisas de outro tempo, do tempo que houvera antes de elas terem ido parar ali. (...) O tema era sempre o mesmo, o amor impossível de Rosália. De tarde falaria mais, Elisa pegava a roupa lavada e voltava para casa. Estendia a roupa na cerca das galinhas e aproveitava para lhes dar água e a ração que Severo havia aprontado. (...) Entrava na cabana, arejava a cama que Severo enjambrara com um estrado e embira, lavava a pouca louça, punha uma acha no fogo para que ele não morresse, sacudia fora as samambaias e varria o chão com uma vassoura de galhos. Severo já deveria estar quase chegando. Ela corria a botar alguma coisa a cozinhar, lavava bem as mãos, ajeitava de novo os cabelos..." (Klueger, 1987, p.81-82).

Em outro momento aparecem crianças e mulheres colaborando na proteção das lavouras para não serem atacadas por animais.

"Já dissemos que as mulheres iam trabalhar lá perto. Pois é, levavam seus trabalhos de agulha, os muitos trabalhos manuais exigidos por aquela vida, conversavam alto, procuravam fazer todo o barulho possível para espantar os bichos" (Klueger, 1987, p.85).

Vê-se, que mesmo aqui, elas não se afastam das atividades voltadas para o espaço privado. Enquanto os homens usam espingardas para afastar os animais, a arma das mulheres é uma agulha de costura. A mulher de "Brumas" é puro labor, não passando de mãe e fêmea.

A única mulher que tem influência no grupo é Dona Antônia. O espaço público que ela ocupa em certo momento, é voltado para a religiosidade e dividido com um homem. É quando resolvem fazer uma reza e uma festa para comemorar e agradecer pela colheita de milho farta e o natal que logo viria.

"E quem dirigiria a cerimônia religiosa? Tinha que ser alguém que soubesse ler. Dona Antônia sabia, Severo também, tinha até alguns livros lá na sua cabana. Pronto, tinham que ser eles, estava resolvido. Gente assim instruída saberia como dirigir a reza" (Klueger, 1987, p.87).

Saber ler é para a comunidade um símbolo de sabedoria e é merecedor de muito respeito quem domina a escrita e a leitura.

Começa a cerimônia. Dona Antônia traz consigo "seu livro de rezas" e Severo, "a cara e a coragem". Enquanto Dona Antônia puxa os cantos e lê "compridas orações", Severo faz o sermão falando de improviso, ou seja, a mulher se apóia no escrito de alguém, no que já existe, nada cria; ao passo que o homem se apóia no seu raciocínio, no domínio dos códigos e na experiência do grupo.

Dona Antônia intervém na vida comunitária, mas essa intervenção não se dá de forma direta, não se expressa no espaço público, como ocorre com o homem. Ela só fala "baixinho e devagar" e é "tão sábia quanto Severo"; assim Elisa a vê:

"E Dona Antônia, gentil e delicada como um passarinho, dona de toda a sabedoria do mundo, que Elisa ouvia com enlevo como se ela estivesse imediatamente abaixo de Deus e ao lado de Severo na sua escala de valores. Dona Antônia era uma pessoa singular. Simples, modesta, sem nenhuma ostentação, e no entanto, a pessoa mais sábia que Elisa já conhecera, tão sábia quanto Severo. Ela nunca perdia a calma por nenhum motivo, falava sempre baixinho e devagar, quem a visse não daria nada por ela e no entanto, era a conselheira de todos quantos viviam ali em Rio Morto. Nenhuma decisão importante era tomada por ninguém sem antes fazer uma consulta àquela mulher frágil e pequenina. Ela tratava dos assuntos mais complicados com a mesma simplicidade com que ia buscar água no rio" (Klueger, 1987, p.107).

Dona Antônia é dentre as mulheres do Rio Morto a única que aponta para uma tênue saída da indiferenciação absoluta. A sua influência está porém vinculada às atividades que ela exerce: é parteira e curandeira. E isso envolve elementos não decodificados por aquela comunidade que são: o místico, o sobrenatural, o inexplicável, o segredo da vida. Daí tornar-se também conselheira. A sua influência não está portanto construída no âmbito da racionalidade. Assim, as mulheres do Rio Morto existem enquanto construção do indivíduo.

2.3 A objetivação limitada

2.3.1 Síntese dos principais personagens femininos

A partir de Homig, o último descendente direto dos Ziegel, sentado frente ao "Kleiderschrank" (guarda-roupa, em alemão), móvel que faz parte e retém a história e um segredo da

família, desfilam os membros dessa singular descendência e dentre eles a mulher aparece interpretada por vários personagens. Em toda a obra elas se sobressaem, porém terão maior destaque nesse estudo as mulheres que enfocam o elemento trabalho com mais ênfase, tendo em vista o objeto de interesse; são elas: a bisavó Ethel, a avó Sacramento e "Frau" Weber.

Aparecem ainda quatro personagens merecedoras de análise. Hilda e Menininha (esta é tratada somente pelo apelido), apontam para uma postura de maior liberdade pessoal quebrando o "status quo" e têm soluções bastante singulares; Doña Maria Clara e Lula, a professora, também serão objeto de estudo por representarem a "visão brasileira" do grupamento social no qual se inserem.

2.3.1.1 A bisavó Ethel

Ethel, ou "Grossmutter" ou "Mutter", ou "Mama", a bisavó de Homig e mãe de seu avô Klaus é a matriarca severa, autoritária, defensora da raça ariana que a tudo e todos controla. O fato de Klaus ter se casado com uma índia, Sacramento, põe com clareza o temperamento e as posições defendidas pela "Mutter".

"A Mama não compreendia o gesto do filho. Era uma alemã. De corpo e alma alemã. Só compreendia noras alemãs. (...) Klaus Liegel, o moço marido, calado. Ouvia tudo. Aprendera a ser obediente àquela que nunca vira chorar. Uma mulher forte. Dominante. Que decidia tudo" (Laus, 1989, p.9-10).

Pela narrativa observa que a "Grossmutter" está o tempo todo ocupada, trabalhando, opinando, dirigindo; assim Homig avê:

"- Tá certo. E a gente nunca soube da genialidade da *Grossmutter*. Pelo menos vó Sacramento só contava sobre aquela mulher forte como granito. Era lidando. Plantando flores, mas também plantando aipim. O morango. Cavando a terra. O avental sempre muito branco, rodeado de bordado inglês. Pesadona. Vermelha. Dando ordens. Organizando as festas da Colônia. Aconselhando e insistindo com todos. Com o marido também. Nunca em jeito macio. (...) Homig via em seus olhos a mulher exigente. Prática. Rispida" (Laus, 1989, p.32).

Sem dúvida a "Mutter" é uma mulher forte, decidida e dominadora mas, em uma passagem ela deixa transparecer que tal postura nada mais é do que uma carapaça para esconder a mulher sensível, pintora enquanto vivendo na Alemanha, que se apaixonara pelo marido e, ao acompanhá-lo, se reduzira a uma colona. Só que para chegar a isso perdera o sentido de si mesma, de sua vida européia. E caso deixasse seu interior falar mais alto, ela iria se fragilizar. O que não admitia. Assim se expressa ao marido:

"- *Mann*, ajuda-me. Eu me esforço demais. Quebro todos os atalhos para não encontrar comigo mesma. Porque o dia em que eu encontrar comigo, não sei mesmo que acontecerá" (Laus, 1989, p.32).

Mais tarde, já esclerosada, mistura os fatos de sua vida. Volta ao passado, grita com os empregados que não tem, manda-os fechar o salão de leitura e o ateliê. Quer saber dos quadros de rosas, que pintara quando jovem. E tudo isso ficara na Europa. Quer ter suas crianças junto dela. Quer saber onde está Hilda, sua filha caçula, misteriosamente desaparecida há muitos anos. Tal mistério só ficará esclarecido no final dessa obra. É o desfecho da história e está vinculado diretamente com a "Mama".

2.3.1.2 A avó Sacramento

Sacramento, a avó de Homig, índia, órfã em consequência das lutas entre índios e alemães pela demarcação da Colônia, é criada por religiosas francesas. Ela é a humildade, a religiosidade e a submissão. Tão submissa, que as freiras casam-na, aos doze anos de idade, com um jovem e desconhecido alemão de 22 anos, Klaus Ziegel, avô de Homig.

Sem compreender o que lhe acontece e só falando francês, viaja durante dois dias na garupa de um cavalo, com um estranho que a trata com doçura. Sacramento não consegue apreender sequer o significado da palavra casamento.

"Ela bem que aprendera o que era vergonha e respeito com Madre Danielle. Mas sobre aquele negócio de casamento nunca lhe tinham explicado nada. Seria mudar de convento? Mudar de lugar? De dono? De religião?" (Laus, 1989, p.9).

Recém-casada, pouco fala, porém é sensível ao carinho, afeto e desejo de um jovem marido apaixonado que, paciente, espera o "rio vermelho que visita as mulheres" para então consumir o casamento. Laço esse negado pela "Mutter", que não admite qualquer aproximação entre eles.

Hostilizada pela sogra pela questão racial, Sacramento só existe como serviçal. É ela quem tira o leite, ajuda a fazer pão, tortas e conservas, lava roupa, prepara o banho familiar, etc.

"No seu silêncio de túmulo, Sacramento só existia ajudando a fazer pão, as tortas, as conservas. A Mutter mandando. Exigindo. Só em gestos. Sem nunca a chamar pelo nome. (...) Lá vinha a Mutter. Nem uma palavra. Tomou-lhe o balde das mãos. Terminou o trabalho começa-

do. Apontou firme o caminho. Era hora de cuidar da roupa de molho na tina grande. Estendeu no comprido varal as camisas de Klaus, as ceoulas do velho Ziegel, as roupas da Mutter e seus aventais de trabalho. Depois de bem lavada, encheu a tina até em cima. Era sábado, dia do banho geral da família. A primeira a se banhar era a Mutter. Depois o marido. Em seguida o moço Ziegel, depois das meninas. Sacramento se lavava no rio" (Laus, 1989, p.11-12).

Até no simples ato de tomar banho se observa a diferença de tratamento entre a família alemã e a índia. Apesar disso Sacramento nunca se rebelou, e, na perspectiva do neto Homig, a avó índia é a doçura, a ternura e a mansidão. Quando ela envelhece ambos riem muito porque Homig gosta de contar quantas rugas possui seu rosto. A afetuosidade de Homig assim se expressa:

"Como era doce e terna a vó Índia! Temente a Deus. Humilde. Boa. Tinha mais ou menos um metro e meio de altura. O rosto era um pergaminho: rugas e rugas que Homig contava. Ria-se e se perdia na conta. O rosário dela cheio de contas gastas de tanto rezar. O riso dela, riso comprido e silencioso. (...) Ela nunca ralhava. Nunca dizia uma palavra sem a evocação de Deus. (...) A vó Maria Sacramento era mansa como uma pluma" (Laus, 1989, p.5).

2.3.1.3 "Frau" Weber

"Frau" Weber e seu marido, Seu Weber, são donos de um hotel em Blumenau. Ela acompanha tudo dentro de um hotel: atende o marido machucado que havia apanhado da polícia getulista por não saber falar português, trabalha na cozinha, observa o movimento na portaria, enfim, supervisiona e trabalha em todos os setores do hotel, dirige automóvel e contrata funcionários.

"Frau Weber, entre a cozinha e o corredor, pelo espelho da parede, observava. Já que seu Weber estava na cama, curando-se dos trambulhões da véspera e mal podia andar de tanto que havia apanhado, a mulher orientava tudo, um olho no padre outro na missa, ia às compras, cozinhava ao lado da empregada Hilda, fazia a jardinagem, cuidava da horta, lavava o chão pela manhã, se é que se podia chamar de chão o espelho do assoalho brilhando limpo e perfumoso, o ar da casa cheirando bem e a decoração harmoniosa e alegre, como uma perfeita casa de Baviera. (...) O avental branco enfeitado de bordado inglês, impecável, põe-se a entrar pelo corredor primeiro que a dona, numa determinação atrevida" (Laus, 1989, p.104-105).

E a briga dos soldados getulistas era por não ter um recepcionista brasileiro? Pois então, teriam logo!

"A ordem era ter um recepcionista brasileiro. Pois então porque não cumprir a ordem? Frau Weber vestiu seu corpete bordado de dalias vermelhas, a saia plissada de lã branca, arrumou bem o coque no alto da cabeça, empertigou-se, pegou na garagem o Ford velho 1923 e lá se foi para Itajaí.

A notícia já tinha chegado por lá. Todo mundo cercava para saber das novidades. Mas ela não sabia de nada. Tudo estava muito bem. Só que precisava de uma morena, de olhos pretos, para ficar na portaria do hotel. Mais ainda. A sua altivez e aquele jeito de convencer deixaram os lambanceiros estarecidos.

À noitinha, quando Itajaí parava sua faina diária, lá passava pela rua Blumenau o Ford de capota abaixada, Frau Weber ao volante e ao seu lado a Isolina do Maneca Viveiros ..." (Laus, 1989, p.103).

Essa é "Frau" Weber. Uma mulher firme e decidida.

2.3.1.4 Hilda e Menininha

Hilda, a filha mais moça da "Mama", quando retorna da Alemanha é uma linda moça de dezesseis anos, preza a liberdade e pouco se importa com o que dela pensam. Ela rompe com todos os tabus vigentes, não se dobrando ao rigor da "Mama" e pouco ligando aos "falatórios" dos vizinhos. "Já estava com dezesseis anos. Pegava cavalo bravo no mato, tirava a roupa toda, montava

nua em pêlo e cavalgava à vontade. O falatório da vizinhança" (Laus, 1989, p.6).

A "Mama" não aceita esta filha livre demais, que cavalga nua, que usa cabelo solto. Afinal, quem é Hilda? Homig, ao conversar com o "kleiderschrank", assim se recorda dela:

"Hilda. Era um enigma? Não sei. Acho que ela tinha razão. A vida é para ser vivida. Ela encarava as coisas como um todo indivisível. Naquele dia ela vinha correndo de cabelo solto. Cabelo solto para a Mutter era sinal de mulher de vida. É verdade. Todo mundo pensava assim. O coque, que a gente chamava de cocó, era timbre de mulher às direitas: cabelo bem preso, bem esticado e lá em cima, o coque. Hilda não. Soltava os cabelos. Corria numa loucura de alegria de viver. Os olhos corriam, corriam os cabelos, os braços, os seios, tudo corria. (...) Falava sozinha. Sua linguagem era ela mesma. Quem a poderia entender? (...) O mundo era dela" (Laus, 1989, p.119).

De uma hora para outra Hilda viaja para a Alemanha e nunca mais dá notícias. "Desde aquela noite em que a Grossmutter a levou de carro para embarcar no navio para a Alemanha, agente nada mais soube dela" (Laus, 1989, p.126). O fato é que a "Mutter" afirma que Hilda voltara para sempre à Alemanha e diz isso "num suspiro profundo, doído, com o sangue subindo ao rosto vermelho e liso".

Tal mistério não se resolve até que Homig, acompanhado de Ralf, seu primo, ambos velhos e doentes, obedece a uma determinação da "Mutter". Enquanto último descendente dos Ziegel, Homig abre com um pé-de-cabra, uma gaveta do guarda-roupa. Dentro da gaveta encontra

"uma caixinha de jacarandá com incrustações de prata nos cantos e, em cima da tampa, um retângulo pequeno, onde está gravado um nome em letras góticas: 'Hilda' (...) Abriu-a. Em cima, uma carta em um envelope de papel azul desmaiado, misturado ao amarelo sujo do tempo e, em cima, no canto as iniciais da Grossmutter, conforme ela sempre usara. O Subscrito: 'Ao último dos Liegel'" (Laus, 1989, p.175).

Homig, tomado de emoção, mesmo sem abrir a carta, passa mal e sofre um enfarte. Ralf é quem a lê. Só neste momento se desfaz o misterioso desaparecimento; se revela a dura e cruel verdade sobre Hilda: a própria "Mutter" a matara por não suportar a idéia de Hilda estar grávida de um negro, Bube. Este é o grande segredo contido na gaveta chaveada do "kleiderschrank". Os ossos estão na caixa de jacarandá que ali está. Ela mesmo os havia recolhido do lugar onde enterrara Hilda e pede que os sepulte sob a aroeira. Lugar aliás, onde a "Mama" havia sido sepultada. *"A aroeira brava que ela amava, com suas flores, seus frutos vermelhos, comida dos passarinhos"* (Laus, 1989, p.148). Finalmente Hilda e "Mama" se reencontram. Mortas.

Menininha é outro personagem, que desde garota, apesar do controle severíssimo dos pais e mesmo depois de casada, não se submete aos rígidos padrões de comportamento da época. Assim Lula, a professora, se recorda do dia em que conhecera Menininha:

"Pela primeira vez na vida que a gente podia ver aqueles olhos de perto, aquela cabeleira sedosa e bem cuidada de menina rica, aquela prenda de harmoniosa candura que tanto eram escondidos por dona Tita e seu Tibúrcio. Hunca saía. Tão trancada em casa como pedra de brilhante em cofre de banco. Tinha professora particular, para não ter contato com ninguém, só saía com os dois velhos e dormia cedo, para não ver o luar" (Laus, 1989, p.37).

Somente numa situação de necessidade, como a doença e hospitalização do pai, que obriga sua mãe a acompanhá-lo é que Menininha vai para a casa de Dona Maria Clara por alguns dias.

Lula, a professora, que mora nessa casa, descobre os encontros noturnos da Menininha com Ataliba, um homem casado e que poderia ser seu pai. Ao ser cobrada ela conta suas experiências sexuais sem titubear:

"A Loraide? Tu sabes? Um dia fomos dormir no convés do barco. Era verão, ela me apertou muito e me transportou num sonho. Não falávamos nada, mas eu senti que passei através de seu corpo. (...) E nós iamos para o estaleiro brincar de namorado. (...) Já procurei nos homens aquele jeito bom que tem o carinho dela, mas não encontro nada. Olha, antes foi o Neca. Depois eu fugia de noite, jogava os sapatos primeiro, amarrados numa corda, no jardim, e saía descalça para não fazer barulho e ia lá para baixo do cafezal, encontrar o Nino da Genoveva. Aquele que foi para a Marinha. Os primos da Vina, aqueles dois daqui de Blumenau, no ano passado, nas férias, também. Por fim, o Ataliba, mas ele pensa que é o primeiro. (...) todos juntos não me fazem esquecer a Loraide. Eles só fazem beijar, beijar, me acham tão linda, tão linda, mas é como se eu estivesse morrendo afogada. A figura da Loraide, aquele silêncio grande envolvendo a gente, aquele instante de não dizer nada, só ela me dá" (Laus, 1989, p. 80-81).

Após muitos anos, enquanto Homig e Ralf conversam, sabe-se o que ocorrera na vida de Menininha. Casara-se e

"dizem que de vez em quando fugia do marido com alguém. Depois voltava grávida, doente, desdentada. O marido tratava dela, mandava-a ao dentista, o filho nascia, juntava-se aos filhos legítimos e quando estava bem, fagueira outra vez, sumia de novo. Dizem que da última vez, fugiu com o equilibrista do Circo Espanhol. O povo vivia falando que aquele homem, o marido, não era de carne e osso. Um santo em potencial. A compreensão dele ia além da realidade. O homem andava de cabeça baixa, sem olhar para ninguém. Diziam que da última vez que ela apareceu, um médico alemão que a tratou diagnosticou uma doença da cabeça. Esse médico é discípulo de Freud. Sendo assim, ela não tinha jeito mesmo" (Laus, 1989, p.170).

Conclui-se portanto que a Menininha é uma pessoa "doente" e, pior ainda, sem perspectiva de cura.

2.3.1.5 Dona Maria Clara e Lula

Também na família de "brasileiros" vindos de Itajaí, a mulher ocupa uma posição destacada; embora nessa casa só morem mulheres, Dona Maria Clara reúne e concentra muitas atenções ao redor de si. É através de Lula, a professora, também vinda de Itajaí, que se tem uma visão da cidade, seus costumes e ambiente da casa de Dona Maria Clara.

"- Era preciso tomar contato com a família. Afinal, buscar um emprego em outra cidade, equivalia a ter de adaptar-se inteiramente, isto é, acomodar-se não só aos primeiros embates das refregas pessoais, como principalmente às estranhas maneiras de vida de uma cidade estranha. Estranha para mim. Os outros a elogiavam. Eu é que era muito brasileira, quer dizer, nascida quase de caboclos e nada entendia de modo de vida estrangeiro. E aqui, que ninguém nos ouça, nesse tempo, era exatamente a Alemanha. A Alemanha pequena, como a chamavam os germânicos. Tudo era em língua alemã. Desde as inscrições nos jardins. Desde as curtas palavras dos cumprimentos matinais. Que a cidade era linda, era. Havia como que um perfume no ar. Desde a 'Velha' até a rua Quinze, eu podia procurar um alfinete perdido. Tudo limpo, limpíssimo. As flores brotavam nos jardins das casas e um sutil romance parece que surgia detrás das cortinas alvas a fugir pelas janelas. Mas sentia-me só, apesar de tia Clara, Cidinha e Dora. Mesmo com o aconchego da casa delas, e de uns poucos 'brasileiros', como eram chamados os vindos de Itajaí, que amigos chegados, visitavam-nos sempre, o resto era deserto. (...) Tia Clara, um anjo desses que se encarnavam na gente. Havia muita pobreza na casa da 'Velha', mas em compensação, corria, em bom-humor e alegria, a vida. (...) Naquela noite estava reunida a Colônia itajaiense, inclusive um ilustre jovem que mais tarde viera a ser Ministro da República. O dr. Victor Konder" (Laus, 1989, p.34-35).

2.3.2 Elementos de análise

2.3.2.1 Casa: espaço feminino

Em "*O Guarda-Roupa Alemão*" a mulher estabelece forte delimitação do seu espaço individual. Ela domina e demarca seu campo de ação influenciando e tomando decisões de forma clara, direta.

Na família da "Mama" ela é a centralizadora do poder, inclusive sobre os homens, interferindo na vida de todos que com ela convivem; "Frau" Weber tem um pé na cozinha e outro no gerenciamento do hotel da família; a casa de Dona Maria Clara é ponto de referência para os "brasileiros" da região. Como afirma Georges Duby, é uma "pequena monarquia" e muitas vezes "tirânica", como é o caso da "Mama".

"O mundo das mulheres fortemente estruturado como uma pequena monarquia exercida pela esposa do senhor, a 'dama', que domina as outras mulheres da casa. Monarquia frequentemente tirânica. (...) Existe bem um poder feminino rival do poder dos homens, e o espaço doméstico pode ser considerado como o campo de um conflito permanente, de uma luta dos sexos" (Duby, 1989, p.94-95).

O "*Kleid*" de Lausimar, é uma obra marcada pela presença de sólidos personagens femininos. Mesmo Sacramento, dentro de sua absoluta submissão à "Mama", deixa, para Homig, uma marca profunda, aliás, oposta à imagem que ele tem da "Mama". Enquanto "Mama" é a ordem, o mando e a obediência sem contestação, Sacramento é o afago, a meiguice, o companheirismo, as longas conversas nas quais passa para Homig boa parte da história dos Ziegel. Com Sacramento ele brinca, conversa e se diverte contando as rugas do rosto envelhecido.

Já Hilda é a ruptura. É o que a "Mama" gostaria de ter sido e não foi, já que na sociedade daquela época não havia espaço para tal nível de exteriorização. Na carta escrita pela "Mama", encontrada na gaveta do "Kleid", ela diz assim: "Não me condene. Hilda era como eu gostaria de ter sido: fiel a si mesma e às suas convicções. Era um pássaro. Uma libélula" (Lamus, 1989, p.80). "Mama" sabia já há bastante tempo do caso de Hilda com o negro Bube; assistira inclusive, fascinada, encontros íntimos dos dois entre os pinheirais. Enquanto tal situação se mantém no espaço privado, a "Mama" se cala. No entanto, torná-la pública através de uma gravidez, é inconcebível; a filha realmente ultrapassara todos os limites daquele contexto social. Além disso o pai do bebê é um negro e o primado da raça é "lei", faz parte do espaço público, estando acima de qualquer valor. A questão racial que já ficara perceptível na relação conflitiva da "Mama" com Sacramento, aqui é levada ao extremo.

Ignorando qualquer tipo de relação afetiva pelo fato de serem mãe e filha ou mesmo um nível superior de compreensão já que ambas são mulheres, "Mama" toma, sozinha, uma atitude radical, demonstrando os limites entre o espaço público e o privado: Hilda é morta e enterrada pela própria mãe, que mais tarde desenterra os ossos e os guarda na gaveta do "Kleid".

2.3.2.2 Atividade feminina: labor, mas não só

No "Kleid" a categoria trabalho se põe através de alguns personagens, em especial Sacramento, "Mama" e "Frau" Weber.

Sacramento é pura atividade braçal, e absorvida pela "Mama", até pelo domínio racial e cultural. Ambas estão voltadas para suprir às necessidades familiares passando pelo curral, terra, tina e fogão. Ou seja é atividade que garante o funcionamento e a subsistência do grupo. "Mama" porém, ao mesmo tempo em que se debruça na faina diária, estabelece no seio familiar e comunitário o seu espaço próprio, e, nesse sentido, é muito diferente da mulher-índia e mesmo da mulher-açoriana de "Brumas".

Já "Frau" Weber exerce uma atividade que foge do espaço específico da casa. Será? Ter um hotel não significa apenas administrar uma "casa maior"? Mas ao mesmo tempo em que ela trabalha na cozinha, na horta e limpeza, atende também a portaria, recebe os hóspedes, vai às compras, dirige o velho Ford até Itajaí, enfim, é dinâmica, busca soluções e se impõe. O que se constata é que a administração da vida familiar passa pelas mãos das mulheres, basta observar-se "Mama", "Frau" Weber e Dona Maria Clara. Espaço esse que geralmente ultrapassa os muros das suas casas, fazendo uma "ponte" entre o mundo interior e o exterior, saindo do puro labor.

2.3.2.3 Análise comparativa

Nos dois tipos de mulheres até aqui apresentadas o trabalho feminino não aparece no mundo exterior, está dentro da casa - no espaço privado - não tendo assim nenhum conceito de valor pois só é considerada como tal aquela atividade exercida no espaço público, fora de casa. As funções exercidas pela mulher açoriana e pela alemã têm características comuns: são

atividades totalmente manuais e restritas ao ambiente familiar ou, no máximo, próximas à casa. Apesar dessa similitude, mulher e comunidade se dizem de formas diferentes.

Em "Brumas" a mulher é passiva, submissa, só percebida nas entrelinhas. É uma mulher sem brilho, sem luz, sem vida própria, sem história, seguindo um ciclo natural, não deixando uma obra externa. Sua função é procriar e contribuir com a manutenção do grupo e da espécie.

Em Rio Morto não há relação comercial formal nem entre seus membros nem com comunidades próximas. As poucas vezes em que isso ocorre é de forma camuflada, pelo medo de serem descobertos, e à base de troca de pele por víveres e tecidos, necessidades básicas do grupo. Nesse sentido Marx, em "O Capital", afirma:

"Quem com seu produto satisfaz a própria necessidade gera valor-de-uso, mas não mercadoria. Para criar mercadoria é mister não só produzir valor-de-uso, mas produzi-lo para outros, para dar valor-de-uso social" (Marx, 1988, l.1, v.1, p.48-49).

Portanto, tudo o que produzem só tem valor-de-uso, não é mercadoria. Em não produzindo mercadoria não há circulação de moeda. É a estagnação econômica da comunidade.

O fato de serem fugitivos e se esconderem no meio do mato, na barranca de um rio, leva-os a um isolamento do mundo e de lá não conseguem sair, permanecendo dentro da divisão natural do trabalho. E à falta de um espaço público estruturado, também não têm escola, acabam sendo absorvidos ou rechaçados pelos italianos, que ocupam a região mais tarde. É o definhar

pelafaltade estruturassociais, pela inaniçãoculturale econômica.

Já no "Kleid", embora o trabalho feminino esteja ainda circunscrito ao espaço privado, a mulher alemã se coloca com elementos bastante diferenciados da açoriana. A alemã é limitada, trabalha duro na rotina da família mas, ao mesmo tempo, se posiciona com muito mais clareza. É a "Mama" exercendo um verdadeiro matriarcado; é "Frau" Weber administrando o hotel e dominando o português e o alemão (o que é raro); é Hilda vivendo como gosta e como quer sem se preocupar com o que dela pensam; é Menininha relatando suas experiências amorosas sem receio; é Dona Maria Clara reunindo os amigos em sua casa; é Dora, sua filha, participando das discussões políticas que lá ocorrem; é a professora "brasileira" saindo de Itajaí e indo para Blumenau ensinar. Enfim, são elementos que apontam de forma concreta as diferenças entre a mulher de "Brumas" e a mulher do "Kleid".

Enquanto a açoriana está perdida numa totalidade, envolta nas brumas da indefinição, a alemã tem seu espaço. Ela está dentro de casa, mas ali quem dá "as regras do jogo" é ela, o mando é seu. Nesse sentido Duby (1989, p.95) afirma:

"No seio do grupo doméstico, havia, por outro lado, divisão de papéis. Aos homens competia a ação exterior e pública, as mulheres se encontravam normalmente acantonadas no interior, nesse quarto, que era, no coração da casa, uma espécie de matriz. (...) Divisão dos papéis no interior do grupo doméstico, repartição também dos poderes".

Além do até aqui apresentado é possível verificar ainda as diferenças do contexto histórico-cultural entre portugueses e alemães que vieram para o Brasil. Os alemães vieram para cá

fugindo de uma situação-limite: caso permanecessem na Alemanha corriam o risco de se transformarem em simples operários, enquanto que se arriscando a desbravar novos mundos, vislumbravam a chance de ter autonomia e receber terras para refazer suas vidas. Os riscos eram inúmeros, a travessia do oceano era um deles, o desbravamento das terras era outro, mesmo assim muitas famílias com alto nível intelectual e cultural de lá vieram na perspectiva de alcançar esse objetivo.

Os portugueses, por sua vez, vieram para o Brasil, em grande parte, enviados pelo governo colonizador, com o objetivo de ocupar e proteger as novas terras portuguesas e a maioria deles eram pessoas culturalmente atrasadas, não trazendo consigo uma bagagem intelectual e cultural que lhes proporcionasse melhores condições de compreender e avançar na organização da comunidade.

Serve como exemplo um dado elementar: o domínio da escrita e da leitura. Em "Brumas" somente Severo e Dona Antônia dominavam tais códigos; em o "Kleid" homens e mulheres em sua maioria não só sabem ler como têm uma boa formação cultural⁴. A "Nana" fora pintora enquanto morava na Europa, Hilda fora enviada do Brasil para lá estudar, Homig ao conviver com o "Grossvater", o ^{bisavô} avô Ziegel, conhecera Goethe, Heine, Chopin, Beethoven, Haydn e Brahms. Enquanto os filhos dos açorianos sequer tinham escola, os dos alemães iam estudar na Europa.

Outro dado que se presta à comparação é a escolha do local onde se instalam as duas comunidades; ambas se estabele-

4. Em "Verde Vale" outra obra de Urda Alice Kneeger, isso fica muito claro.

cem à beira rio mas com objetivos opostos. Enquanto os açorianos procuravam um remanso longínquo para lá se esconder, os alemães fazem-no para facilitar seu deslocamento, a sua comunicação com o mundo. Enquanto aqueles não têm escola e nem comércio, estes fazem exatamente o contrário. Buscam uma organização comunitária que garanta não só a sobrevivência do grupo como também atividades culturais.

Finalizando, retoma-se o conceito de transcendência enquanto fundamento desse estudo. Observa-se que nenhuma das mulheres, tanto a açoriana quanto a alemã, se colocam enquanto transcendência posta, formal. Observa-se elementos diferenciados de desenvolvimento entre ambas mas nenhuma é o se dizer, o se pôr no mundo para no mundo se construir e construir os outros. Não fazem, ainda, a sua história.

2.4 Construindo a presença da mulher na vida pública

Quando nos debruçamos sobre a vida dos Choinaski percebemos claramente que sua caminhada, até certo ponto, em nada diverge daquela apresentada em "Brumas" e no "Kleid". Embora haja um espaço temporal significativo entre elas, a realidade é a mesma ou até involui. Enquanto para alemães e açorianos havia terra sobrando, já para os camponeses do oeste catarinense há falta dela e o empobrecimento, a descapitalização, são evidentes. Isso se deve ao fato de que o capital se moderniza rapidamente, e, o pequeno produtor, que não consegue acompanhar essa modernização pela falta de estruturas adequadas, que permitam o

seu crescimento, acaba sendo excluído do processo pelas próprias regras do mercado capitalista.

Assim é que aos cinco anos de idade Luci já substitui a mãe na organização da casa e nos cuidados com os irmãos menores, que com o tempo somam sete. Luci cresce, vai para a escola e continua lidando na casa e cuidando dos irmãos. Quando perdem o que restava da colônia de terras da família a situação se agrava e, aos doze anos, no segundo ano ginásial, Luci é obrigada a abandonar a escola.

"A família já não tinha mais a casa de madeira com tábuas velhas e frestas de dois a três centímetros nas paredes e assoalho. Ninguém era dono de mais nada e o recomeço foi nas terras de um tio. Luci estava com doze anos e abandonou a escola. Chorou durante uma semana e quase não comeu. A partir daí pegou mais firme na enxada" (Laurindo, 1992, p.28).

Até essa idade o que marca Luci são as dificuldades financeiras, a não aceitação da pobreza, o isolamento do mundo (nem rádio tinham), e os dogmas. A igreja, aliás, exerce forte influência na sua formação. Quando criança o conceito de pecado é extremado, gerando muitas angústias. Luci se horroriza ao lembrar das brigas com a irmã. São noites insones e, sem dúvida, "passagem direta para o inferno". E para quem não aceita a pobreza, Dona Rosa, sua mãe, tem uma receita: muita reza. "Era novena que não tinha mais fim".

Luci porém não se amolda de todo aos padrões de comportamento que lhes são impostos também pela mãe. Já mocinha escapule de casa para assistir ao futebol domingueiro e jogar cartas na vizinha. Até que em 1971, com dezessete anos, conhece José e com ele se casa.

José tem algumas terras e a luta continua de sol a sol. Os filhos chegam. São três. E tem um quarto filho mais tarde. A organização da vida familiar e produtiva é exatamente como afirma Perrot (1991, p.108) em "*História da Vida Privada*":

"Com ou sem patrimônio, a família constitui um sistema econômico de gestão (...) No meio rural, a casa é a unidade econômica de base. A família e a terra se confundem, e suas necessidades se impõem a seus integrantes".

Os Choinaski têm suas vidas fundidas com a terra e dela não se descolam. Nesse sentido vivem a fase do labor exatamente como em "*Brumas*" e no "*Kleid*". Algo porém os angustia: trabalham muito e pouco têm.

O ano de 1982 é um marco definitivo, pelo menos na vida de Luci. Vai com José pela primeira vez a um comício. A partir dessa data ela começa a trilhar por caminhos até então desconhecidos: abre-se para a participação comunitária, para o trabalho coletivo e a militância partidária. Em 1983 filia-se ao Partido dos Trabalhadores, assume a secretaria geral do partido em Descanso, diverge com a executiva partidária e vai então

"procurar um meio de dar vazão às suas idéias. Em pouco tempo iniciou a organização das mulheres agricultoras de Descanso, a forma que encontrou para conversar com as pessoas e não ficar fechada com os dirigentes" (Laurindo, 1989, p.35-36).

Inicia assim o aprendizado sobre reforma agrária, ocupação de terra e luta de classes, participando de congressos de trabalhadores rurais. A convivência com mulheres ligadas ao Movimento de Trabalhadores Sem Terra de Santa Catarina é que lhe abre esse novo caminho. E lá vai ela para Chapecó, São Paulo e Curitiba. Olhos, ouvidos e cérebro ávidos por aprender,

pronta para desvendar um novo mundo que até então sequer sonhara existir.

A constante participação nas reuniões do partido e da organização das mulheres exigem de si um desdobramento cada vez maior. Como conciliar isso tudo? As relações se alteram com o marido, com os filhos, com as amigas e até com sua mãe, que se cala diante de comentários maldosos sobre as saídas de Luci. O preconceito aparece explicitado em diversas situações e ela o enfrenta. Não há mais como andar de marcha à ré.

Para os filhos Luci passa uma visão bastante objetiva:

"ela explicou que gostar deles significava querer um mundo diferente para eles (...) 'eu queria meus filhos com uma vida melhor. Que não fosse a vida que eu tive, de trabalhar, trabalhar e nunca ter nada. Muitas vezes me dava angústia, tristeza, insegurança. Mas quando botei os pés para fora de casa e comecei a entender as coisas, não teve jeito de parar. Era sair com o coração na mão. (...) Eu saía de casa e atrás de mim ficava um monte de fofocas'. Luci já não pedia mais a José para ir às reuniões do Movimento de Mulheres e dos Sem Terra. Ela levava o marido aos encontros que ia marcando. (...) Nos encontros, José 'era apenas presença física. Não sei se minha decisão de exercer liderança foi o que o fez ficar para trás, pois ele tinha um trabalho sindical na comunidade. Talvez tenha achado que eu assumia um papel que não era de mulher'. (...) Nem as amigas de Luci aceitavam as atividades fora de casa. (...) Envergonhada a mãe respondia que não podia mandar na filha casada. Mas poucos anos depois, na mesma cabeleireira onde ouviu barbaridades sobre a filha, pôde falar de boca cheia de 'uma deputada que vive, mesmo, de muitas e importantes reuniões'. Saiu de lá com os cabelos ajeitados e um sorriso vitorioso" (Laurindo, 1992, p.39-41).

Todo esse desacomodar posições, a ruptura com a totalidade uniforme da vida rural, apontam para uma exposição efetiva do ser através dos movimentos sociais surgidos no final da década de 70 e início de 80. Tais movimentos expressam a necessidade da sociedade se contrapor em primeiro lugar ao estrangulamento

lamento econômico e, em segundo, aos muitos anos de ditadura. Assim, se põem como lugares de construções absolutamente concretas que possibilitam não só a retomada de uma organização que fora sufocada pelo regime militar, como o surgimento de pessoas que representem essa necessidade social. E como os setores progressistas da Igreja servem de proteção às esquerdas no longo período de exceção, e também porque muitos religiosos são filhos de agricultores, tais movimentos surgem agora com forte apoio da mesma. Assim é que partido político, movimento de mulheres, de sem-terra e sindicatos em grande parte trazem a forte presença da Igreja. E Luci, que nasce desses e nesses movimentos, não pára mais.

É na busca de se transcender, ou seja, de se pôr no mundo enquanto indivíduo e universo simultaneamente, buscando nos outros a realização de si e através de si a realização dos outros que Luci, tendo como retaguarda o trabalho agrícola, rompe com as amarras históricas impostas à mulher do campo e se põe via sindicato, via movimento de mulheres, via partido político. Candidata-se e elege-se deputada estadual.

Vem para Florianópolis e começa a ter uma visão que até desconhecia: a da sociedade urbana, como se dá esse desenvolvimento. Os trabalhos parlamentares são intensos, seu gabinete é eco dos problemas dos trabalhadores do campo e, agora, da cidade. Participa ativamente nas CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas na Assembléia como também na elaboração da nova Constituição Estadual. Como relatora da Comissão de Ordem Econômica, Financeira e Social da Assembléia Estadual Constituinte

"tratou de temas sociais, educação, saúde, terra, habitação. Começou a entender como se dá o desenvolvimento urbano. Interessou-se pelo problema de habitação, das favelas, das ocupações de terra nas cidades. Prestou mais atenção ao desenvolvimento integrado ao meio-ambiente. Aprofundou-se em assuntos que até então conhecia como bandeiras de luta" (Laurindo, 1992, p.72).

Há muito que aprender.

Por querer aprender e, acima disso, entender e ter opinião própria é que Luci traz consigo, desde garota, um traço característico: o questionamento. Questionamento que leva não só a revisões como também leva, muitas vezes, ao afastamento das pessoas, uma vez que tudo ela quer discutir, compreender. É o questionar sobre a própria pobreza; sobre o conceito de pecado; de Deus; o papel da igreja na sociedade; sobre a estrutura partidária; é o ouvir, o aprender, o perguntar que acompanham-na desde o primeiro comício do qual participa, ainda em Descanso; e nos encontros e congressos que se seguem. Enfim, ela cresce, se faz gente.

E todo ser ao se fazer gente, ao se pôr, se expõe. Luci não foge disso. Quanto mais publicamente se projeta, mais reações provoca; enfrenta a censura, o preconceito, sob vários aspectos. No início são as suas amigas colonas que discordam de Luci ter atividades fora de casa. Pensam que lugar de mulher é em casa, lavando, passando, cozinhando, costurando, cuidando dos filhos e do marido, indo à roça e à igreja. Para muitas, ainda hoje deve continuar a mesma análise; para outras tantas, Luci deve apontar para uma nova forma de vida. E são estas mesmas mulheres que posteriormente arregaçam as mangas e assumem a sua campanha eleitoral.

Já a candidatura de Luci também não é muito fácil para se encaminhar no PT.

"Dentro do partido havia pessoas contrárias à mulher candidata. Não é o momento diziam. 'Quando eu senti que grupos do partido lá do Oeste estavam tentando me tirar da roda, aí resolvi disputar. Não com eles, mas para mostrar que era hora das mulheres meterem a cara e eu assumia porque as mulheres confiavam em mim'. As pressões para que ela desistisse aumentaram. Numa reunião de vários diretórios lá do Oeste, ela e o amigo Paulo Lauen bateram forte na mesa para acabar com a coação" (Laurindo, 1992, p.44).

Durante a campanha para deputada estadual sente forte a imposição de seus adversários políticos que consideram-na inculta. *"Falava-se em todos os lugares que era um absurdo a população votar numa mulher sem estudo, sem 'cultura'".* Posteriormente, já na Assembléia Legislativa, os atos e palavras de alguns deputados mostram o desrespeito escrachado para com Luci, como se pelo fato de ser mulher, agricultora, ter estudado pouco e não falar "bonito" estivesse em um grau inferior ao deles. *"Em público ou nos bastidores, Luci recebia chacota dos parlamentares"*. E a própria Luci vai dando resposta a tudo isso.

"Vi o partido preocupado, vi a frieza de certas pessoas que achavam que eu não deveria ter sido eleita. Sei que havia outros candidatos com maior potencial e outro nível de discussão. Eu era apenas uma militante de base. Desconhecida do próprio partido. (...) a minha preocupação era com aquelas mulheres que foram de casa em casa fazer a campanha, vender material e repetir que homem e mulher podem ter a mesma cabeça, são iguais, que não é o sexo que determina que um tem mais inteligência que o outro. O pessoal falava que eu me cuidasse quanto à liberação sexual. De certo imaginavam que uma matuta como eu iria dizer muita bobagem, não é?" (Laurindo, 1992, p.50).

Luci porém não se intimida, ao contrário, enfrenta os desafios. Vem para sacudir, para se contrapor. Percebe-se. É uma mulher forte, mas não deixa de ser uma pessoa de carne e

osso como qualquer outra e por isso mesmo é também, em certas situações, vulnerável. A obra de Rosiméri tem esse grande mérito: não camufla as fragilidades de Luci e do próprio partido. Em não camuflando oferece, no mínimo, a possibilidade de auto-crítica. A seguir, algumas visões.

Quem faz uma avaliação sobre a vida e a própria convivência de Luci com a família e o partido é Eurides Mescolotto. Ele ressalta aspectos positivos herdados da esquerda brasileira e avalia também

"os aspectos negativos, como o descuido com os 'quadros', as pessoas que ocupam posição de referência no partido. Luci deixou sua vida pessoal por muito tempo de lado para dedicar-se inteiramente ao mandato e pagou caro por isto. (...) Ele pondera que a vida de Luci 'foi mal resolvida por todos nós. O lado pessoal sempre foi considerado no partido como algo intocável, de não se comentar'; (...) Hoje Mescolotto fala com mais atenção que o que é importante para a pessoa também deve ser para o partido, 'porque senão vamos constituir um partido sem coração, onde as pessoas só valem enquanto são peças da máquina'. (...) Luci, para Mescolotto, representa justamente a perspectiva de não se pensar o socialismo somente do ponto de vista econômico. 'Luci fez a revelação de um defeito grave da maioria dos militantes: com um homem e mulher envelhecidos do ponto de vista afetivo, não se consegue fazer uma revolução para uma sociedade nova'" (Laurindo, 1992, p.53-54).

Quem tem uma visão singular de Luci e do partido é Maria Helena, advogada, servidora da Assembléia Legislativa que assessora a bancada estadual do PT, não é petista, e "até por isto sua participação na história de Luci tem um valor especial". Ela acompanha de perto a chegada de Luci e, posteriormente, da família, em Florianópolis.

Maria Helena se sente fascinada e orgulhosa "da mulher lutadora, colona, em meio aos deputados que tão bem conhecia". Solicita para ir trabalhar no gabinete de Luci, após consulta

prévia, e começa "a trabalhar com a mulher que mexia tanto com ela". Maria Helena preocupa-se, ou melhor, espanta-se pelo fato de ninguém do partido "dedicar-se a Luci, sem referências na cidade". Ela assume isso.

Maria Helena compra tudo o que é necessário para a casa de Luci: desde os móveis até os talheres. Influencia, no início, no estilo de vestir. Durante mais de um ano Luci almoça em sua casa. Enfim, compartilha do dia-a-dia da deputada. Maria Helena, ao mesmo tempo que a admira questiona posturas de Luci.

"O despreparo de Luci no trato com as empregadas era flagrante; na convivência e inclusive para tratar dos assuntos salariais. Elas não tinham uma situação regular. Chegavam a ter descontadas roupas e sapatos que recebiam, sem terem a oportunidade de escolher modelo e preço. (...) Este tratamento com as empregadas magoava Maria Helena" (Laurindo, 1992, p.57).

Ela não compreendia como isso podia acontecer. Questiona a postura de Luci diante das bandeiras do partido. No entanto "Maria Helena justifica as atitudes de Luci como falta de preparo pessoal para encarar a vida". E questiona também "o partido que não dá esta sustentação, esta preparação para os que precisam".

Quem também acompanha o início da vida de Luci em Florianópolis é a assistente social Eliane Schmidt, com que Luci morou durante alguns meses. Uma liderança que não sabia o que era feminismo e com tabus em relação ao aborto - essa é Luci. No entanto Eliane decide não

"entrar numa relação professoral, porque preferia valorizar a realidade de vida de Luci. (...) O encantamento de Luci com a vida da assistente social foi imediato. Uma mulher solteira, que morava sozinha, dormia fora quando quisesse, não tinha que dar satisfações. Eliane conversava sobre sua condição de mulher da cidade, com uma história diferente de Luci, mas que 'não era melhor nem pior, apenas diferente', notou a assistente social" (Laurindo, 1992, p.58).

Eliane critica o comportamento de Luci após a separação de José.

"Ela percebeu em Luci, após o fim do casamento, uma mulher tentando viver uma adolescência urbana, ela que experimentara a rural, e mais: um retorno à adolescência com todos os conflitos desta fase. O desequilíbrio emocional se refletiu nas atividades políticas, acredita Eliane, lembrando que Luci ficou conhecida nacionalmente como a deputada que usava mini-saia" (Laurindo, 1992, p.59).

Eliane critica também o fato de Luci se sentir financeiramente abandonada pelo partido nas eleições para deputada federal e diz o seguinte:

"o partido nunca fez tudo o que Luci merecia, mas nunca deixou ela se ferrar sozinha. Ela tem um sentimento real de abandono porque precisa muito dos outros em momentos difíceis. Não pode dizer que o partido a abandonou. Seu mandato era a menina dos olhos do partido. Em todas as cidades deste estado sua candidatura foi tocada com a estrutura do partido, pelos petistas. Ela não se elegeu por planejar uma campanha do alto de sua sabedoria. Ela foi eleita porque representava o PT. Na questão da grana o PT não segurou para ela mas não segurou para ninguém. Um monte de gente se ferrou" (Laurindo, 1992, p.59).

A visão de Francisco Veríssimo, o Chiquinho, passa uma ponta de amargura e ressentimento. Tais sentimentos se justificam pelo fato de Chiquinho ter muito contribuído para o sucesso dos trabalhos legislativos da deputada iniciante, enquanto seu chefe de gabinete, e não terem resolvido, tanto a nível pessoal quanto político, as barreiras que entre ambos se interpuseram.

"Depois da própria Luci, ele foi a pessoa mais importante pelo sucesso do primeiro mandato do PT na Assembléia Legislativa de Santa Catarina. Não são muitos os que lembram disto. Ainda mais que o assessor e deputada entraram em rota de colisão" (Laurindo, 1992, p.68).

Os atritos se aprofundam, a intervenção de Chiquinho, com sólida formação intelectual e política, perturba muita gente. Inclusive Luci considera excessivo o monitoramento dele e começa a se preparar para evitar isso. Aspectos políticos e mesmo emocionais acabam criando um fosso intransponível entre ambos. E Chiquinho, ao relembrar, desabafa: *"Luci é egocêntrica, personalista. É uma personagem construída em cima do que não é real; eu ajudei nisto"* (Laurindo, 1992, p.68). De acordo com Wilson Santin, então presidente do PT, faltou a mediação do partido para superar as dificuldades.

Em relação a esse fato Luci faz auto-crítica afirmando que ela deveria ter forçado uma discussão com a presença de Chiquinho junto à Articulação, corrente petista a que ambos pertencem.

"Luci é uma pessoa muito difícil, dizem todos que viveram ou trabalharam com ela. Ela não reconhece seus erros, lamentam, e quando recebe críticas começa a olhar com outros olhos quem ousou repreendê-la. Foi assim que muitas pessoas se distanciaram dela e outras guardam ressentimentos. (...) Ninguém pense que Luci não se dá conta das mancadas, do que precisa ser mudado. O que ela não gosta é que digam isto a ela com todas as letras. Por tabela vale. E se o problema for na relação pessoal, ela vai buscar uma forma de ser diferente. Não que eu peça perdão, mas reavalio minha postura", desabafou uma vez" (Laurindo, 1992, p.75-76).

E pede desculpas para as pessoas que com ela conviveram antes da separação do marido.

Separar-se não é uma decisão fácil. Para Luci se torna mais complicada por ter muitos intervenientes.

"Eu tinha medo da reação do partido, de botar o mandato abaixo, do que pudesse aparecer na imprensa. Medo de mais fofocas, mais comentários, mais preconceitos. Eu já estava há seis anos com idéia de me separar" (Laurindo, 1992, p.81).

Enfim, Luci é uma pessoa que ocupa um espaço público, tem compromissos coletivos e por isso sua preocupação é redobrada. Porém o desgaste da relação afetiva vai se tornando insuportável para ambos, por falta de avanço mútuo. Avanço esse que só ocorre quando todos dois, num ato pleno de transcendência e liberdade têm, concretamente, a possibilidade de ser, deixando a vida fruir racionalmente, garantindo os espaços individuais mas, ao mesmo tempo, mantendo uma proposta conjunta de vida. Se isso não acontecer para ambos o elo se quebra e a separação se torna inevitável. Há que se buscar então novas alternativas de vida afetiva sem perder a beleza dos sentimentos, mas colocados em um nível muito mais racional, numa relação superior na qual os dois tenham reais condições de ser.

"Com a separação bateu a vontade de namorar, de amar e ser amada. E não demorou a dar vazão aos seus desejos: gosto de festa, não quero ficar na amargura, só fazendo política e falando sério. Passei a fase da amargura, de tratar as pessoas mal. (...) Em poucos meses Luci perdeu 13 quilos. Substituiu as roupas que davam o ar de matrona por outras, que acentuam suas formas de mulher. Deu pano prá manga. (...) Talvez as pessoas me entendam mal, mas com 36 anos eu me sinto adolescente, porque quando eu casei eu só pensava em ser boa dona-de-casa. (...) Ser jovem, com pequenas irresponsabilidades, trapalhadas, vergonhas, confusões e alegrias que uma boa juventude merece, Luci só o foi depois de trinta anos, com a separação" (Laurindo, 1992, p.92).

Luci se põe uma mulher nova também no aspecto físico. Quando o partido lhe cobra ela responde:

"Pô, o que é que tem eu botar uma saia mais curta. Acho que não estou prejudicando o partido. Não consigo viver o padrão que as pessoas querem de mim. (...) Temos o direitos de irmos bonitos à luta" (Laurindo, 1992, p.93-94).

Em relação à liberdade e ao corpo da mulher diz:

"... 'Acho legal ser mulher. Anos atrás eu achava horrível. Claro. Era oprimida. É bom ser mulher emancipada, conversar com quem quiser, sair a hora que se quer, tomar cerveja. Eu não podia fazer isto. A mulher tem a vantagem de poder decidir quando quer ou não ter filhos, o homem não pode decidir por ela. O corpo é meu e eu decido sobre ele. Só eu posso ter essa alegria que é a de gerar uma vida. A mulher é mais bonita, mais atraente, mais sensível, mais carinhosa. Mas eu quero a afetividade e o companheirismo do homem'. Volta e meia lamenta o machismo que enxerga nos companheiros do PT (...) ela diz não encontrar espaço para debater o assunto mais profundamente com os companheiros" (Laurindo, 1992, p.88-89).

Essa não é mais, sem dúvida, a colona que um dia foi a um comício em Descanso.

A vinda para a cidade, o impacto do meio parlamentar, as muitas exigências dos mais diversos setores partidários e sociais, a separação, os quatro filhos para criar, tudo isso se lhe impõe novas posturas: descortina-se um novo mundo, novas relações se constroem. E, em certo momento, sua vida "flutua". É como se perdesse o chão que a sustentava. Nada mais é como ontem, o hoje é um desafio permanente e o amanhã é uma incógnita.

Luci já não é mais a agricultora de Descanso mas também não domina os códigos dos trabalhos legislativos; não é mais uma colona mas também não é uma mulher urbana; não é mais casada mas tem uma família para manter e administrar; as cobranças sufocam-na. Tudo isso porém, é uma busca, um novo aprendizado;

e justamente esse "flutuar" lhe proporciona a possibilidade de definir um novo ser. Sua caminhada se torna exemplarmente histórica considerando-se que é uma figura do povo, ela é povo, é mulher-povo, duplamente excluída, vinda do meio camponês o qual é muito fechado, e, portanto, tornando mais difícil o desenvolvimento de uma objetivação, de uma individualidade.

Ao se objetivar, Luci estabelece uma reversão no vivido, em especial a partir do seu envolvimento no Movimento das Mulheres Agricultoras. Porém, não é ela que leva o movimento ou o movimento é levado por ela, isto é, ela é um movimento pois, na medida em que sua ação extrapola o movimento das mulheres, aponta para um processo muito concreto de exteriorização, que pode ocorrer tanto com a mulher quanto com o homem. Vista dessa perspectiva a sua vida serve enquanto exemplo, porém não fica nela personalizada. Abre possibilidades. Aponta horizontes que contêm todas as angústias, incertezas e fragilidades inerentes a qualquer ser humano mas que mostram, ao mesmo tempo, uma mulher corajosa, forte e decidida. Para ela não há mais solução dada, tudo pode ser revisto e o novo, conhecido. É a hoje deputada federal que critica, é criticada, faz auto-crítica, quebra estruturas fossilizadas, se põe, se impõe e se expõe. É a mulher se objetivando nas estruturas sociais.

Luci passa, em pouquíssimo tempo, a ser uma referência pública, a representar muito mais do que ela subjetivamente teria desejado. É uma referência tão forte que a tira da vida privada de simples agricultora e a joga no espaço público, fazendo com que ela não seja mais ela mas, ao mesmo tempo continue sendo.

Representa inclusive a transformação da intimidade, tornando pública uma nova maneira de ser, de viver e de amar, propondo um novo relacionamento homem/mulher, uma nova forma de se dizer. Com isso joga para a frente toda a sociedade rural e urbana catarinense, num ato socialmente diferenciado, abrindo caminhos para novas mulheres, novos homens, novas gerações. É a representação da modernidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já afirmado anteriormente, para sair do indeterminado, é preciso assumir limitações, diferenciar-se na igualdade, universalizar-se na particularidade. Isso quer dizer que, se por um lado me ponho ímpar, singular na minha construção de vida, porque cada indivíduo é único diante de si e dos outros, por outro, essa mesma história está assentada na perspectiva do universal enquanto necessidade radical de uma realização coletiva, pois o indivíduo só se põe pleno quando todos têm essa mesma possibilidade de realização na concretude das relações. E para sair do campo da intenção para o campo da ação há que se criar condições para que tal aconteça. Como se dá então a ação, o fazer?

O fazer se dá a partir de uma necessidade, que pode inicialmente se expressar no espaço privado, mas ao se desenvolver, se torne tão forte que exija seu encaminhamento para o espaço público, impulsionando uma formação de consciência, forçando a criação de estruturas pessoais e sociais que as expressem. E mesmo que não haja condições postas para macro-

mudanças, é possível iniciar com micro-mudanças, é possível mudar o cotidiano; ou seja, se não é possível, muitas vezes até por razões estratégicas, fazer mudanças radicais em grande escala, é possível realizar mudanças, nem por isso menos radicais, em pequena escala, nos mais diversos setores da vida econômica, política e social. São elas que preparam as grandes rupturas institucionais.

Tal contexto se aplica tanto para a mulher quanto para o homem; no entanto, em função do objeto de estudo proposto dar-se-á ênfase às particularidades que envolvem a mulher. Isso não significa a exclusão do homem nesse processo, ao contrário, só ocorrerá mudança efetiva quando ambos se construírem iguais mas respeitando-se na diferença. Daí a necessidade de uma proposta coletiva e individual, simultaneamente, tanto na vida privada quanto na vida pública. Mas que mudanças estão ocorrendo? O que vem acontecendo no mundo das mulheres? Por onde segue tendencialmente sua objetivação?

Analisando as mudanças que vêm ocorrendo no século XX, Antoine Prost em a "*História da Vida Privada - Da Primeira Guerra aos nossos dias*" afirma:

"A primeira grande evolução do século XX diz respeito ao trabalho. Ele emigra globalmente da esfera privada e ingressa na esfera pública.

Trata-se de um duplo movimento. Em primeiro lugar, um movimento de separação e especialização dos espaços: os locais de trabalho já não são mais os da vida doméstica. Mas essa diferenciação dos locais vem acompanhada por uma diferenciação das normas: o universo doméstico se liberta de regras anteriormente ligadas ao trabalho que ali se realizava, ao passo que o mundo do trabalho passa a ser regido, não mais por normas de ordem privada, e sim por contratos coletivos" (Prost, 1992, p.20).

Enquanto o trabalho se mantém na esfera privada, dentro das casas de seus proprietários, não há uma separação entre a vida e o trabalho. Ambos se confundem

"a indiferenciação dos locais é, então, vivida como uma escravidão total do tempo (...) Trata-se de dissociar claramente o trabalho e a vida privada. Agora uma se estrutura em oposição ao outro. Hoje uma nítida fronteira separa dois universos que, no início do século, se confundiam entre si" (Prost, 1992, p.29-31).

Um exemplo típico é o da empresa blumenauense Dudalina que se inicia dentro da casa de seus proprietários, e, posteriormente, se desloca para o espaço público, coletivizando a produção e as relações de trabalho.

É nesse momento, na fase da grande-indústria, que, atendendo a um chamamento do mercado, a mulher adentra no espaço especializado da fábrica, deixando a divisão natural do trabalho e se inserindo na divisão social do trabalho. A partir daí o gene de sua individualização começa a se efetivar.

Ao romper com as amarras históricas, que a confinam ao espaço privado e se pôr no espaço do trabalho público, lutando por salário igual para trabalho igual, independente de sexo, idade, nacionalidade ou estado civil; por aposentadoria igual para trabalhadores rurais e urbanos; por ampliação da licença-gestação; por redução da jornada de trabalho; por melhorias nas condições de trabalho; por direito à creche para os filhos dos trabalhadores, independente de sexo; por direitos trabalhistas para as domésticas, a operária está se dizendo no concreto das relações trabalhistas mas está abrindo caminhos não só para o grupo diretamente envolvido nessas questões como oferece a possibilidade de mudanças em todo o corpo social, com a amplia-

ção desse movimento. Para que o corpo social evolua há que se realizar ações muito concretas nos mais diversos campos visando atingir tal objetivo.

Na área da educação a escola, a universidade, têm que deixar de ser meras repassadoras do saber formal e se transformar em fontes de saber formal e informal, lançando mão de toda a riqueza científica e tecnológica hoje disponíveis. A universidade, enquanto fonte de produção intelectual vinculada à materialidade, pode e muito tem a contribuir via pesquisa científica, via envolvimento direto com a realidade que a circunda, constatando os problemas e propondo soluções objetivas, tendo como premissa que o saber é uma necessidade radical e um direito inalienável de todos os homens.

Em toda a organização social seja na área da educação, do comércio, da indústria, da prestação de serviços há que se buscar formas que ampliem a participação da mulher e que lhe proporcione capacitação profissional para não só ser professora, mas uma pensadora; não só ser advogada, mas uma desembargadora ou juíza (veja-se Denise Frossard); não só ser comerciária ou gerente de loja, mas ter a sua própria loja; não só saber costurar ou cozinhar, mas ter a sua micro-empresa. Nesse sentido é interessante o dado⁵ do Balcão Sebrae-SC - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Santa Catarina - que presta todo tipo de informações para abertura e legalização de empresas. Em Florianópolis 40%, em média, do total de pessoas que procuram tais informações são mulheres. Em Blumenau, durante todo o ano de 1992 somente sete mulheres fizeram consultas.

5. Dados retirados do Caderno de Economia, do Diário Catarinense de 11/07/1993.

Já no primeiro semestre de 1993, vinte mulheres buscaram informações. Isso quer dizer que as mulheres, em parte, estão deixando de atuar somente nos setores terciários da economia; estão concretamente saindo dos quintais das casas para se instalar nos centros comerciais, que surgem com bastante força em Santa Catarina; é sair da vida privada ou assalariada e se colocar no espaço público.

Agir concretamente significa criar fatos, romper com estruturas arcaicas, mudar a ordem jurídica, intervir em todos os setores da sociedade, gerenciar a própria vida tanto no campo profissional quanto pessoal, buscando uma nova ordem social que garanta um mundo com direitos e uma ética diferentes; que assegure às pessoas a indevassabilidade de sua privacidade; que permita a existência de "mundos" para não se correr o risco de acabar com a individualidade. E entendendo que até mesmo a busca por trabalho assalariado traz subjacente a busca por emancipação, por mudanças mais profundas na vida social e pessoal e que para alcançá-las não é preciso esperar por uma "grande ruptura", propõe-se mudanças na prática diária, seja a nível individual ou coletivo, profissional ou pessoal. Nesse sentido Giddens (1993, p.200) em "A Transformação da Intimidade", afirma:

"Não temos a necessidade de ficar esperando por uma revolução sóciopolítica para a criação de mais programas de emancipação, nem tal revolução ajudaria muito. Processos revolucionários já estão ocorrendo na infra-estrutura da vida pessoal. A transformação da intimidade reclama por mudança psíquica e também por mudança social, e essa mudança, partindo 'de dentro pra fora', poderia potencialmente se ramificar através de outras instituições, mais públicas. (...) Entretanto, o significado concreto da emancipação neste contexto não é, como propunham os radicais sexuais, um conjunto substan-

tivo de qualidades psíquicas ou formas de comportamento. Ela é mais efetivamente compreendida como uma forma de ação, como a possibilidade de democratização radical da vida pessoal...".

Dessa perspectiva, nova ordem social e transformação da intimidade estão visceralmente ligadas, são o verso e o reverso de uma mesma moeda. Nenhuma se põe na plenitude sem a presença da outra; pressupõe uma representação social democrática, independente de sexo, com a redefinição da identidade homem/mulher. Redefinição que, como uma luz especial, matiza as demais relações na busca de ser pleno.

Há porém uma limitação que necessita ficar claramente explicitada: em uma sociedade estruturada sob a égide do capital não há condição de uma plenitude total pois, em se baseando no lucro e na concentração da riqueza, seja a nível econômico, intelectual ou científico, esta sociedade não porá os indivíduos em situação de igualdade plena. O que se quer resgatar é a possibilidade de avançar no processo, buscando formas cada vez mais desenvolvidas de expressão do ser humano. Se assim não for, cair-se-á no determinismo e ou negativismo puro e simples, dois grandes equívocos teóricos em nome dos quais se perdeu precioso tempo de embotamento. Urge enxergar a positividade na negatividade, os limites e as possibilidades de avanços, estimulando ações humanas que universalizem e individualizem relações sociais e pessoais cada vez mais ricas e evoluídas.

BIBLIOGRAFIA

- ALAMBERT, Zuleika. Feminismo; o ponto de vista marxista. São Paulo: Nobel, 1986.
- ANDERSON, Perry. As antinomias de Gramsci. São Paulo: Jones, 1986.
- APLLE, Michael W. Ensino e trabalho feminino: uma análise comparativa da história e da ideologia. Cadernos de pesquisa. Porto Alegre: v.11, n.2
- _____. Relações de classe e de gênero e modificações no processo do trabalho docente. Cadernos de pesquisa. São Paulo.
- ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1983.
- ARIES, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- ARIES, Philippe e CHARTIER, Roger (org.). História da vida privada; da renascença ao século das luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ARNS, Alice Bertoli. Crônica à margem da história de Rio do Oeste. Curitiba: Linarth, 1987.
- BAUDRILLARD, Jean. Da sedução. Campinas-São Paulo: Papyrus, 1991.
- _____. América. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v.1 e 2, 1980.

- BELOTTI, Elena O. Educar para a submissão. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BESNARD, Pierre. Os sindicatos operários e a revolução social. Brasília: Novos Tempos, 1988.
- BOBBIO, Norberto. Estado-governo-sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. O conceito da sociedade civil. Rio de Janeiro: Granel, 1982.
- BORNHEIM, Gerd A. Dialética-teoria-práxis. Porto Alegre: Globo, 1977.
- BRAVERMAN, Harry. Trabalho e capital monopolista; a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BROCCOLI, Ângelo. Antônio Gramsci y la educación como hegemonía. México: Nueva Imagem, 1977.
- BRUSCHINI, Maria Cristina A. e ROSEMBERG, Fúlvia (org.). Trabalhadoras do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BUCCI-GLUCKSMANN, Christine. Gramsci e o estado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CANDIDO, Antonio. Os parceiros do Rio Bonito. São Paulo: Duas Cidades, 1971.
- CARVALHO, Nanci Valadares de (org.). A condição feminina. São Paulo: Vértice, 1988.
- CASTORIADIS, Cornélius. Socialismo ou barbárie. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CAVALCANTI, Pedro Celso Uchôa e PICCONE, Paolo (orgs.). Convite à leitura de Gramsci. Rio de Janeiro: Achiamé, s.d.
- CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA MULHER. Mulher e trabalho. São Paulo: IMESP, s.d. (Coletânea).
- COUTINHO, Carlos Nelson. Gramsci. Porto Alegre: L & PM, 1981.
- _____. et alii. Gramsci e a América latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- CUPANI, Alberto. A crítica do positivismo e o futuro da filosofia. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1985.
- DELUMEAU, Jean. A civilização do renascimento. Lisboa: Estampa, v.2, 1984.
- DUBY, Georges. Idade média, idade dos homens. Trad. de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- _____ (org.). História da vida privada; da europa feudal à renascença. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade e do estado. Lisboa: Presença, s.d.
- ENGUITA, Mariano F. Trabajo, escuela e ideologia. Madrid: Akal, 1985.
- ETGES, Norberto J. Trabalho e conhecimento. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, s.d. (Mimeografado).
- _____. O conceito de trabalho e a ação do conceito. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, s.d. (Mimeografado).
- _____. Estrutura versus subjetividade nas relações sociais; uma oposição de exterioridade? Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, s.d. (Mimeografado).
- FAUSTO, Ruy. Marx; lógica e política. São Paulo: Brasiliense, v.1, 1987.
- FREITAG, Bárbara. Escola, estado e sociedade. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.
- FEYERABEND, Paul. Contra o método. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.
- GEWANDSNAJDER, Fernando. O que é método científico. São Paulo: Pioneira, 1989.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. Educação e movimento operário. São Paulo: Cortez, 1987.
- GHIRALDELLI, Vito. Reconstruindo nossa história. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- GIANNOTTI, José A. Trabalho e reflexão. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade. Trad. de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993.
- GRAMSCI, Antônio. A concepção dialética da história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- _____. Maquiavel; a política e o estado moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- _____. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- GRUPPI, Luciano. O conceito de hegemonia de Gramsci. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- _____. Tudo começou com Maquiavel. Porto Alegre: L & PM, 1980.

- HEGEL, George Wilhelm Friedrich. Introdução à história da filosofia. Hemus, 1983.
- _____. Textos escolhidos. Org. Roland Corbisier. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- HELLER, Agnes. Para mudar a vida. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. A filosofia radical. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. Teoria de las necesidades en Marx. Barcelona: Península, 1986.
- HETHEL, Alfred Sohn. Trabalho intelectual e trabalho manual; crítica da epistemologia. Trad. Norberto J. Etges. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, s.d. (Mimeografado).
- HOBSBAWM, Eric J. Mundos do trabalho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HUBBER, Valburga. Saudade x esperança; dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1979. (Dissertação de Mestrado).
- JARCZYK, Gwendoline. O conceito do trabalho e o trabalho do conceito em Hegel. Filosofia Política II. Porto Alegre: L & FM, 1984.
- JOYEUX, Maurice. Autogestão; gestão direta, gestão operária. Brasília: Novos Tempos, 1988.
- KLUEGER, Urda A. Verde vale. Florianópolis: Lunardelli, 1987.
- _____. As brumas dançam sobre o espelho do rio. Florianópolis: Lunardelli, 1987.
- KNELLER, G. F. A ciência como atividade humana. Rio de Janeiro: Zahar/EDUSP, 1980.
- LAURINDO, Rosiméri. Luci Choinaski; a primeira camponesa no congresso nacional. Florianópolis: Paralelo 27, 1992.
- LAUS, Lausimar. O guarda-roupa alemão. Florianópolis: Lunardelli, 1989.
- _____. Ofélia dos navios. Florianópolis: Lunardelli, 1983.
- LAMAS, Marta. La antropología feminista y la categoría "género". Nueva antropología. México: v.8, n.30.
- LÉNINE, V. I. O estado e a revolução. São Paulo: Alfa-ômega, 1980.
- LOBO, Elisabeth Souza. Emma Goldman. São Paulo: Brasiliense, 1983.

- LOURO, Guacira L. Prendas e anti-prendas. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1987.
- LOWY, Michael. Ideologias e ciência social. São Paulo: Cortez, 1985.
- _____. Método dialético e teoria política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- LUXEMBURGO, Rosa. Rosa, a vermelha; vida e obra de Rosa Luxemburgo. Biografia por Luiz Filla Vares. São Paulo: Busca Vida, 1988.
- MAGEE, Bryan. As idéias de Popper. São Paulo: Cultrix, s.d.
- MALATESTA, Errico. Malatesta. Porto Alegre: L & PM, 1984.
- MACCIOCCHI, Maria A. A favor de Gramsci. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- MANACORDA, Mário A. El principio educativo em Gramsci. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1987.
- MARX, Karl. A questão judaica. s.l.: Moraes, s.d.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____. Manuscritos econômicos e filosóficos. In: FROMM, Eric. Conceito marxista do homem. Rio de Janeiro: Zahar, s.d.
- _____. O capital; crítica da economia política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v.1 e 2, 1988.
- _____. Elementos fundamentales para la crítica de la economía política; (borrador) 1857-1858. Argentina: Siglo Veintiuno, v. 1 e 2.
- MONDO, Jacques et alii. Das ciências na filosofia; da filosofia nas ciências. Porto Alegre: Rés, s.d.
- MOSER, Anita A nova submissão. Porto Alegre: Edipaz, 1985.
- NOSELLA, Paolo (Apres. e revisor tradução). Antônio Gramsci; caderno 12. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1989. (Mimeografado).
- OFFE, Claus. Trabalho e sociedade; problemas estruturais e perspectivas para o futuro da "sociedade do trabalho". Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- OHLWEILER, Otto Alcides. Evolução sócio-econômica do Brasil; do descobrimento à nova república. Porto Alegre: Tchê, s.d.
- OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. Elogio da diferença. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PERROT, Michelle (org.). História da vida privada; da revolução francesa à primeira guerra mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PIERSON, Donald. Cruz das almas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

PLATÃO. A república; livro VII. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.

POULANTZAS, Nicos. As classes sociais no capitalismo de hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

FROST, Antoine e VINCENT, Gérard (orgs.). História da vida privada; da primeira guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SARTRE, Jean P. Sartre e a realidade humana. Lisboa: Estúdios Cor, s.d.

SARTRE, Jean P. e FERREIRA, Vergílio. O existencialismo é um humanismo. Lisboa: Presença, s.d.

SPONCHIADO, Justina Inês. A mulher no segundo sexo. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 1989. Monografia (Pós-Graduação do CCE).

TAYLOR, Barbara. ?Feminismo socialista; utópico o científico? História popular y teoria socialista. Barcelona: Crítica, 1981.

THOMPSON, Edward P. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

TRAGTEMBERG, Maurício. Reflexões sobre o socialismo. São Paulo: Moderna, 1986.

_____. (Coord. Simpósio). Quando o operário faz a educação; depoimentos. Cadernos de pesquisa. n.47, 1983.

TRONTI, Mário et alii. Processo de trabalho estratégias de classe. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

VÉRON, Eliseo. Ideologia, estrutura e comunicação. São Paulo: Cultrix, s.d.

WEBER, Max. O político e o cientista. Lisboa: Presença, s.d.

_____. Ensaio de sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.